

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III — N.º 115 — Domingo, 21 de Agosto de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TIPOGRAFIA SOCORRO  
FÁBRICA DE CARIMBOS  
PREMIADA COM O DIPLOMA DE MÉRITO  
AS OFICINAS GRÁFICAS PREFERIDAS  
PELAS PRINCIPAIS FIRMAS DO PAÍS  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO  
Telefone 59 Apartado 3

AVENÇA

## NÚMERO DEDICADO À CIDADE DE AYAMONTE



General CRAVEIRO LOPES  
PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA

### BREVE COMENTÁRIO DE APRESENTAÇÃO

**N**o dedicamos este número do «Notícias do Algarve» à vizinha cidade espanhola de Aiamonte, o único fim que nos move é o de contribuir para um maior estreitamento da velha e tradicional amizade que sempre foi a característica dominante nas relações entre as duas localidades fronteiriças.

Vivendo, pode dizer-se, os mesmos anseios, indo buscar ao mar essa inesgotável fon-

te de riqueza, a matéria-prima de que dependem as suas principais actividades económicas, tendo no Guadiana um amigo que a ambas abraça e une no mesmo gesto carinhoso, servindo-as com igual solicitude, Vila Real de Santo António e Aiamonte têm problemas comuns e interesses recíprocos que, em vez de fomentar rivalidades e desentendimentos, constituem, pelo contrário, a verdadeira origem da harmonia e boa vizinhança entre portugueses e espanhóis. E ninguém duvida da sinceridade dos laços amistosos que nos unem: demonstram-no, de sobejo, os numerosos portugueses que ali residem, trabalham e vivem, rodeados de simpatias, como se estivessem entre os seus; e demonstram-no, também, os numerosos naturais do país vizinho que aqui labutam há longos anos, em

(CONCLUI NA 8.ª PAGINA)



Generalíssimo FRANCISCO FRANCO  
CHEFE DO ESTADO ESPANHOL

#### Don Alberto Martín Artajo

Aproveitando o ensejo de ser este número do nosso jornal dedicado à vizinha cidade de Aiamonte, não queremos deixar passar esta oportunidade de manifestarmos, calorosamente, o nosso agradecimento ao sr. Don Alberto Martín Artajo, ilustre ministro dos Negócios Estrangeiros do vizinho país, a cujo espírito de justiça e boa vontade se deve a reabertura do Consulado de Espanha na nossa terra.

Pôs-se assim termo a uma anomalia que nada explicava, pois além de ser um dos mais antigos consulados de Espanha em Portugal, ele desempenhou e continua a desempenhar, em mais de um século de existência, uma função utilíssima nas relações entre os povos do Algarve e da Andaluzia, e na boa amizade entre as duas terras fronteiriças.

E aproveitamos, também, para agradecer às autoridades e às forças vivas de Aiamonte os esforços que dispenderam para que o consulado não fosse encerrado e para que a sua reabertura fosse um facto.

### PROPOSITO DE UNION

Por D. HENRIQUE SUÁREZ DE PUGA

**L**a virtud de acercar voluntades y unificar deseos humanos, es siempre loable. Máxime, cuando como en este caso del número especial de «Noticias do Algarve» dedicado a Ayamonte y a la amistad peninsular, el acercamiento se realiza entre tierras cercanas y pueblos hermanos. Reciba por ello mi felicitación el periódico.

Es un hecho histórico que las regiones fronterizas, los lugares lindantes de dos países, sienten más fuertemente esta necesidad de unión. Hombres de fron-

tera, son y han sido siempre, grandes políticos y estadistas que por haber sido educados en un lugar donde se entremezclan las ideas y los seres de dos naciones, comprenden mejor a los países en contacto y están más aptos para resolver sus problemas comunes. Parece como si estos hombres de frontera, captaran con un sexto sentido la necesidad de acercamiento de las dos agrupaciones políticas, cuyos pulsos sienten a los dos lados de la división fron-

(Continúa en la página 4.ª)

### MI SALUDO A VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

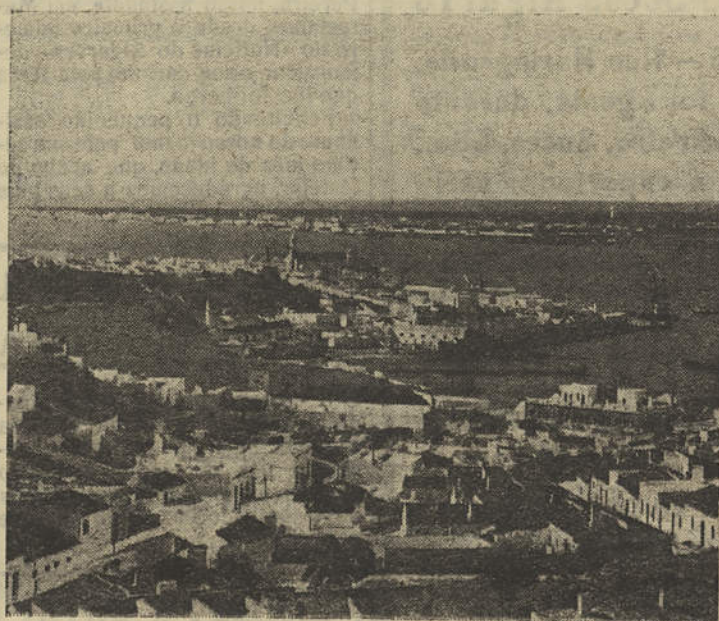


Don NARCISO MARTIN NAVARRO  
Alcalde de Ayamonte

**D**OY las gracias al semanario «Noticias do Algarve» por la oportunidad que me brinda con la publicación de este número extraordinario dedicado a Ayamonte y que en nombre de mi pueblo agradezco vivamente, para enviar con un fuerte abrazo mi saludo al noble pueblo de Vila Real de Santo Antonio, a todas sus estima-

das autoridades, a tan buenos amigos y a todos en general. Deseo que Dios me conceda la oportunidad de hacer cada

(Continúa en la página 8.ª)



VISTA PARCIAL DE AIAMONTE

### A GUERRA PENINSULAR

APONTAMENTOS DE HISTÓRIA QUE SE DEDICAM AOS POVOS DO GUADIANA, LEMBRANDO A FRATERNIDADE DE ARMAS QUE OS UNIU NA LUTA PELA SUA INDEPENDÊNCIA

**N**ESTA banda do Guadiana tem os seus limites um país; ali em frente, tem os seus limites outro país. Esta linha de água que brota nas entranhas da Península e que vem por aí abaiço assetear o Atlântico, umas vezes com águas azuis outras vezes com águas barrentas — leiva arancada a terras de Espanha e de Portugal — delimita geográfica, política e emocionalmente duas nações; mais do que duas nações: dois povos. É tão remota é esta divisão que — se fôssemos usar das vulgares imagens literárias — diríamos vir ela do fundo dos tempos. Contentemo-nos em saber que já era efectiva e definida nas épocas de Plínio e de Estrabão. Ambos, tal como Pomponius Mela, assinalaram outro povo para

cá do Anas (Rio Guadiana). Na margem esquerda, ficavam-nos os Turdulos ou Turdetanos com penetrações indelimitadas no território definido da Lusitânia que tinha como capital Emérita Augusta (Mérida) e como fronteira o acidente geográfico do Guadiana.

Os interesses e necessidades de defesa destes povos semi-bárbaros obrigaram-nos muitas vezes a acamaradar e a verterem juntos o sangue em defesa do seu lar — lura, cabana ou rústica tenda urdida de esparto. Do mar Egeu e do Mediterrâneo, chegavam-lhes emissários mercantis. Senhores de ciências e de forças mais eficazes que as armas inocentes dos fícolas, pretendiam despojá-los das suas riquezas nativas — o mel,

o ouro, o cobre, a grã. E lá nesses tempos tão distantes, as tribos que por aqui viviam, turdetanos da banda da Espanha, cuneos e lusitanos da banda de Portugal, tiveram que se unir, sem diferenciação de raças e sem escrúpulos de credos religiosos, para se defenderem do inimigo único — o invasor. Não interessava que este trouxesse, como credencial de superioridade, o verbo helénico, as manhas sedutoras do judaísmo mercantil de Tiro e Cartago, ou, disfarçado na sua túnica purpúrea, pisasse com a marcialidade dos pretores, a soberba empertugada dos cônsules ou a estupidez blasonante dos generais. A toda esta exibição de ciência, de ve-

(CONTINUA NA 5.ª PAGINA)

### MANIFESTACIONES ARTÍSTICO RELIGIOSAS DE AYAMONTE

**H**AY un problema planteado en la mente de quien contempla y goza, las manifestaciones artístico religiosas de Andalucía, sin llevar en su sangre la de la propias región. Estas líneas tienden a dar una explicación por quien no siendo andaluz, el problema se la plantea integralmente y desea explicar el sentido del gusto, alegría, color, movimiento y armonía que se entre-

mezcla en las manifestaciones piadosas y en las creaciones artísticas empapadas de fé y espíritu religioso, que son peculiares a Andalucía.

Contenido espiritual de la obra de arte. — Históricamente puede demostrarse que las épocas de contenido artístico más valioso, coinciden en el tiempo con una elevación del ideal de la figura humana, como ser dotado de potencias espirituales y físicas. El Renacimiento en el Arte y el Humanismo en el pensamiento, corrieron emparejados para darnos una buena muestra de aquella unidad que debe poseer toda obra de arte.

La idea religiosa ha dado siempre pie y motivo para satisfacer el lado espiritual de la obra artística. Desde la antigüedad, la representación de la figura de los dioses fué el primer campo de acción de pintores y escultores. Grecia, nos dejó, siguiendo esta tendencia, la mejor colección de

figuras humanas que representaba su Olimpo pagano.

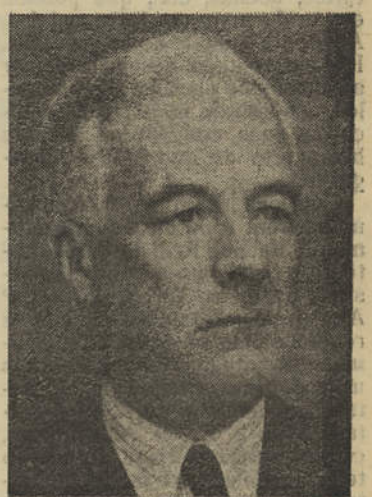
Esta apatencia natural del hombre de llenar de contenido espiritual una obra de arte, se vio satisfecha íntegramente con la idea religiosa cristiana, que satisface más ampliamente los deseos del artista, puesto que a mayor intensidad y profundidad en el sentimiento religioso, mayores medios de expresión acuden a la mente y a la mano del constructor de la obra. Se dice, que la elección de un buen modelo supone la mitad de la hechura de un cuadro, pues qué mejor modelo espiritual para el artista que la participación en el sentimiento individual y colectivo de una vida religiosa de fé intensa, extendida en el medio que le rodea? Este espíritu religioso que flota en el ambiente, se hace consciente en la propia alma del autor y es el mejor estímulo para su actuación.

Por lo tanto, si la obra de arte ha de estar animada de un espíritu (Continúa en la página 4.ª)

### VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO SAUDA AIAMONTE COM FRATERNA AMIZADE

**T**EVEMOS o nosso semanário «Notícias do Algarve» a boa lembrança de publicar um número especial dedicado à nossa vizinha e amiga cidade de Aiamonte, querendo contribuir, assim, com a sua quota parte para o estreitamento das nossas relações e apertar ainda mais os laços de boa amizade que nos unem. E aproveitou o melhor ensejo que se lhe podia deparar: a realização das tradicionais Festas que os nossos vizinhos aiamontinos costumam celebrar em honra da sua Excelsa Padroeira, Nossa Senhora das Angústias, que este ano ultrapassam, em brilho e fervor, o que até aqui vinham realizando.

Este facto deve encher os seus frequentadores — entre os quais, os algarvios, em grande número — de satisfação, direi melhor, de regozijo, visto se erguerem, como factor operante, as condições de ressurgimento e engrandecimento duma Nação há poucos anos saída duma guerra de reconquista e de redenção, como sucedeu à nossa fraterna Espanha, que conhe-



Dr. ALONSO VASQUES  
Presidente da Câmara Municipal

ceu convulsivos horrores, perdas de vidas preciosas e destruições. Porém, graças à divina inspiração, inteligência clara e subtil e ao conhecimento exacto das coi-

# Notícias Pessoais

## Partidas e Chegadas

Em gozo de férias, encontra-se em Cantanhede o nosso prezado amigo e assinante sr. António Ferreira Mendes, funcionário da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, nesta vila.

Encontra-se nesta vila, em gozo de férias, o nosso prezado assinante e amigo sr. José Manuel Pereira.

Deu-nos o prazer da sua visita, na nossa redacção, o nosso prezado assinante em Lisboa sr. Américo Salas Medeiros, que durante alguns dias permanecerá na nossa vila.

Acompanhada de sua filha, encontra-se nesta vila a sr.ª D. Amável Carriço, nossa prezada assinante, residente no Entroncamento.

De visita a seu cunhado, sr. Francisco Humberto Solá da Cruz, e sua família, encontra-se entre nós, acompanhado de sua esposa, o nosso querido amigo e prezado assinante sr. João Francisco Ramos, chefe da Secretaria Judicial, em Torres Vedras.

Acompanhado de sua esposa e filha, encontra-se nesta vila, em casa de seus pais, o nosso estimado amigo sr. Hugo Alves Fernandes Ribeiro, residente em Lisboa.

Em gozo de férias, encontra-se nesta vila o nosso estimado amigo sr. João Adelino Canelas.

Encontra-se nesta vila, acompanhado de sua esposa e gentil filha Maria Raquel Miranda, o nosso querido amigo sr. Vasco d'Elvas Mascarenhas de Miranda, Agente do Banco de Portugal, em Portalegre.

Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Pepa Clemente Fernandes de Vasconcelos, encontra-se nesta vila o sr. Delmonte de Vasconcelos, categorizado funcionário do Centro de Documentação Científica do Instituto de Alta Cultura, residente em Lisboa.

Com sua esposa esteve nesta vila, com curta demora o nosso prezado assinante sr. Tiago Samudio Fernandes.

De visita a sua família, encontra-se em Mira D'Aire a esposa do nosso prezado assinante sr. João Alberto Leiria.

Encontra-se a passar as férias com sua família na sua quinta de Alambres (Vila Real) o nosso prezado amigo e assina-

nte sr. Jorge Arez de Mascarenhas.

A caminho de Tânger, aonde foi em missão jornalística, tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o distinto jornalista austríaco Heinhart Augustin, que no vespertino português «Diário Popular» publicou ultimamente interessantes crónicas acerca dos problemas do União Indiana.

Acompanhado de sua cunhada e sobrinhos, encontra-se nesta vila, vindo da capital, o nosso estimado amigo e assinante sr. Artur Aleixo Horta, que se encontrava a prestar serviço na Agencia do mesmo Banco, nesta vila.

Para casa de seu filho, em Faro, foi passar algum tempo a sr.ª D. Maria da Encarnação Moraes Rodrigues.

Encontra-se nas Termas do Luso, a passar a estação calmosa, o nosso ilustre comproviciano, prezado amigo e colaborador, sr. dr. Virgílio Passos, director do Externato Liceal de Odemira.

Acompanhando um grupo de cineastas espanhóis, esteve nesta vila o sr. D. Narciso Navarro, ilustre «alcaide» da vizinha cidade de Alamoente.

Encontra-se a veranear na Praia da Racha o nosso prezado amigo e distinto colaborador, sr. J. Santos Stockler, de Faro.

Encontra-se a veranear na sua casa de Monte Gordo, com sua esposa e filhos, o nosso prezado amigo e assinante em Olhão, sr. José de Aragão Barros, agente bancário e proprietário naquela vila.

Encontra-se nesta vila, com sua esposa, sr.ª D. Fernanda de Sousa Carvalho Medeiros, e filha, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. eng. Carlos José Freire Medeiros, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação.

Regressou de Barcelona, onde esteve de visita a sua família, a nossa prezada assinante sr.ª D. Maria José Guerreiro do Carmo.

Retirou para Loulé, onde foi colocado na Agencia do Banco Nacional Ultramarino, com promoção de 1.º escriturário, o nosso prezado amigo e assinante sr. Artur Aleixo Horta, que se encontrava a prestar serviço na Agencia do mesmo Banco, nesta vila.

Encontra-se nesta vila, com sua esposa, sr.ª D. Fernanda de Sousa Carvalho Medeiros, e filha, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. eng. Carlos José Freire Medeiros, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação.

Encontra-se nesta vila, com sua esposa, sr.ª D. Fernanda de Sousa Carvalho Medeiros, e filha, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. eng. Carlos José Freire Medeiros, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação.

Encontra-se nesta vila, com sua esposa, sr.ª D. Fernanda de Sousa Carvalho Medeiros, e filha, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. eng. Carlos José Freire Medeiros, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação.

Encontra-se nesta vila, com sua esposa, sr.ª D. Fernanda de Sousa Carvalho Medeiros, e filha, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. eng. Carlos José Freire Medeiros, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação.

Encontra-se nesta vila, com sua esposa, sr.ª D. Fernanda de Sousa Carvalho Medeiros, e filha, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. eng. Carlos José Freire Medeiros, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação.

Encontra-se nesta vila, com sua esposa, sr.ª D. Fernanda de Sousa Carvalho Medeiros, e filha, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. eng. Carlos José Freire Medeiros, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação.

Encontra-se nesta vila, com sua esposa, sr.ª D. Fernanda de Sousa Carvalho Medeiros, e filha, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. eng. Carlos José Freire Medeiros, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação.

Encontra-se nesta vila, com sua esposa, sr.ª D. Fernanda de Sousa Carvalho Medeiros, e filha, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. eng. Carlos José Freire Medeiros, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação.

Encontra-se nesta vila, com sua esposa, sr.ª D. Fernanda de Sousa Carvalho Medeiros, e filha, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. eng. Carlos José Freire Medeiros, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação.

Encontra-se nesta vila, com sua esposa, sr.ª D. Fernanda de Sousa Carvalho Medeiros, e filha, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. eng. Carlos José Freire Medeiros, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação.

Encontra-se nesta vila, com sua esposa, sr.ª D. Fernanda de Sousa Carvalho Medeiros, e filha, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. eng. Carlos José Freire Medeiros, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação.

Encontra-se nesta vila, com sua esposa, sr.ª D. Fernanda de Sousa Carvalho Medeiros, e filha, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. eng. Carlos José Freire Medeiros, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação.

Encontra-se nesta vila, com sua esposa, sr.ª D. Fernanda de Sousa Carvalho Medeiros, e filha, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. eng. Carlos José Freire Medeiros, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação.

Encontra-se nesta vila, com sua esposa, sr.ª D. Fernanda de Sousa Carvalho Medeiros, e filha, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. eng. Carlos José Freire Medeiros, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação.

Encontra-se nesta vila, com sua esposa, sr.ª D. Fernanda de Sousa Carvalho Medeiros, e filha, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. eng. Carlos José Freire Medeiros, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação.

Encontra-se nesta vila, com sua esposa, sr.ª D. Fernanda de Sousa Carvalho Medeiros, e filha, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. eng. Carlos José Freire Medeiros, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação.

Encontra-se nesta vila, com sua esposa, sr.ª D. Fernanda de Sousa Carvalho Medeiros, e filha, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. eng. Carlos José Freire Medeiros, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação.

Encontra-se nesta vila, com sua esposa, sr.ª D. Fernanda de Sousa Carvalho Medeiros, e filha, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. eng. Carlos José Freire Medeiros, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação.

Encontra-se nesta vila, com sua esposa, sr.ª D. Fernanda de Sousa Carvalho Medeiros, e filha, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. eng. Carlos José Freire Medeiros, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação.

## UM GRANDE ARTISTA em embrião?

EXISTE, na vizinha praia de Monte Gordo, um tranqüilo rapazião, filho de modesta gente daquele sítio. Magruto, de faces morenas, faz ante-ver no seu rosto, logo que o conhecemos, aquela vontade imperiosa de ser útil e o desejo ardente de «querer» ser alguém pelo valor do seu trabalho.

O «neto da tia Eusébia», apodado pelo qual é conhecido, ou ultimamente por o «desenhador», tem apenas dezoito anos e desde há muito que desenha, mas somente há dois anos sentiu vontade de mostrar à sociedade os dotes com que a Natureza tão pródigoamente o dotou, e viu nos seus primeiros «bonecos» o início duma possível grande carreira.

Continuou, e cada vez que desenhava mais se aperfeiçoava nos traços e sombras, que iam dar ao desenho toda a sua arte. Hoje, quem observe com imparcialidade os seus trabalhos tem, por força, de reconhecer que no interior daqueles olhos um tanto miopes existe, sem dúvida, uma grande veia artística, que através dos seus delgados dedos, queimados pelo sol ardente da praia e trémulos pela sua fraca constituição, transmite ao papel todo o seu valor de expressão.

Nunca teve estudo algum para aperfeiçoar a sua arte. Com ele nasceu e ele próprio a desenvolveu, pois tudo quanto desenha faz parte da sua observação e execução pessoal. E', pois, digno de ser ajudado por alguém que o encaminhe para um possível triunfo, que a sua vocação indica ser certo. Fazemos votos para que José Conceição Rosa (pois é este o seu nome) não tenha apenas que contar com o seu próprio esforço.

A fim de que os nossos estimados leitores possam apreciar o talento incipiente deste jovem desenhador, realiza-se uma exposição dos seus trabalhos, a qual se iniciou ontem e continua nos dias 21, 22 e 23 do corrente, das 21 às 23 horas, na sede do Grupo de Escuteiros desta vila, a qual foi gentilmente cedida para este efeito.

## Novos postos dos correios

Foram criados postos dos correios em Santa Justa de Martinlongo (Alcoutim) e Monte Novo de Paderne (Albufeira).

## Tarifas dos Portos do Algarve

Foram publicadas, pelo Ministério das Comunicações, portarias que regulamentam as tarifas dos portos do Sotavento e Barlavento do Algarve.

# ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

## O preço da amêndoa em Espanha

O Governo espanhol fixou o preço da amêndoa durante a campanha de 1955/56, estabelecendo que os armazenistas adquirirão, com destino à exportação, toda a amêndoa que lhes seja entregue pelo agricultor. Os exportadores comprarão àquele o fruto, através da Junta Distribuidora de Compras. Os preços, por quilo, de miolo são os seguintes: valencianas, esmeraldas, comunas, romeras, ardalas, corcheras, planetas e similares, 19 pesetas; marconas, 20,25 pes.; jordanas, larguetas, pestanetas e similares, 19,50 pes.; Mallorca, 18,40 pes.; amargas, 17,50 pes. Amêndoa em casca: molar da Península, 6,40 pes.; molar de Ibiza, 5,90 pes. e Fitas, 5,60 pes.

Quando o fruto para exportação seja entregue pelo armazenista antes de 31 de Dezembro deste ano, terá um aumento de 0,50 pes., por quilo, em miolo ou o seu equivalente em casca.

## Pesca do bonito

A frota boniteira de Vigo continua a fazer razoáveis pescarias de bonito, da ordem diária de dezenas de toneladas. O peixe está a ser cotado entre 9,45 e 9,48 pesetas o quilo. Devemos esclarecer que a designação bonito é imprópria, por tratar-se de albacoras iguais às que anualmente são capturadas na nossa costa pelos pescadores de Sesimbra.

## UM NOVO ASSINANTE que ainda não sabe ler...

O nosso jornal conta, a partir deste número, com mais um assinante, que julgamos ser o mais jovem de todos. Trata-se do menino Domingos Marques da Silva Pereira, de sete meses de idade. Com este pedido de assinatura, pretende o seu pai — o sr. João Pereira, nosso assinante, em Matosinhos, desde o primeiro número do «Notícias do Algarve» — demonstrar o seu carinho pela terra que lhe foi berço.

Felicitando o pequenino assinante do nosso jornal pelo seu sétimo mês de idade, que acaba de festejar, agradecemos a seus pais a assinatura solicitada.

## COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE MÉRTOLA

Já se encontra em Monte Gordo o segundo turno da Colónia Balnear Infantil de Mértola, constituído por cinquenta e quatro rapazes, na sua totalidade filhos de trabalhadores rurais daquele concelho.

## SCOOTERS e MOTOS

HEINKEL — Bernardete — Douglas — Express HERCULES — Sun — Stenzi — Monet Goyon MONDIAL-ROYAL ENFIELD-A. J. S. -NORTON B. S. A. -MATCHLESS -TRIUMPH SUMBEAN e VOLOCET Agência Comercial e Marítima do Sul Vila Real de Santo António TELEFONE 76

## CRAVEIRAS B C 14

novas, entrega imediata Vendem ILIDIO PANINHO, LDA. SETÚBAL

## Exportação de conservas

A exportação de conservas de peixe, no primeiro trimestre deste ano, totalizou 13.147 toneladas, no valor de 198.060 contos. Os maiores compradores de sardinha foram: Alemanha, com 2.434 toneladas; Reino Unido, 1.826 toneladas; Itália, 1.552 toneladas, e África Ocidental Britânica, 1.010 toneladas. Como de costume, o principal importador de anchovas foi a América do Norte, que adquiriu 450 toneladas, no valor de 13.536 contos. Os outros importadores mais interessados foram: Suíça, com 29 toneladas; União Sul Africana, 20 toneladas; Venezuela, 16 toneladas, e Canadá, 12 toneladas.

Os maiores importadores de atum e similares foram a Itália e a Venezuela, com 216 e 45 toneladas. O principal comprador de óleo de sardinha foi a Alemanha, com 518 toneladas, seguindo-se a Noruega e a Holanda. — J. B.

## «OS RIDÍCULOS» INAUGUROU O SEU GRANDE CONCURSO «BODAS DE OURO»

O popular bissemanário humorístico «Os Ridículos» inaugurou, nas suas páginas, o grande concurso «Bodas de Ouro», com que comemora os seus 50 anos de existência. São inúmeros e valiosos os prémios desse concurso e, entre eles, figuram dois automóveis, uma «Vespa», um frigorífico, aparelhos de rádio, fogões eléctricos, relógios de pulso, aparelhos para lavar-roupa, vestuário, louças, artigos de menagem, fogões de petróleo, garrafas «Termos», vinhos, conservas e muitos outros de grande valor e utilidade.

Juntamente com o concurso «Bodas de Ouro», «Os Ridículos» apresentam o «Concurso da Garotada», dedicado aos seus pequenos leitores e no qual distribuirá mil prémios em chocolates «Favorita». Ambos os concursos constituem um agradável entretenimento e habitam os concorrentes a recompensas tentadoras, motivo por que é fácil prever-lhes um êxito invulgar.

## FESTAS NAUTICAS

Em comemoração dos dias do Centro de Vela e Remo da Ala 6.ª da Mocidade Portuguesa, levam a efeito os mesmos Centros nos dias 27 e 28 do corrente, várias provas destacando-se, em especial, a de Remo, no dia 28, pelas 15 horas, a primeira realizada na nossa vila em «volles» de 4, entre as equipas de Vila Real de Santo António e Portimão, únicos Centros do Algarve. As de Vela concorrerão filiados dos Centros de Tavira, Olhão, Faro, Portimão e Lagos, além dos de Vila Real de Santo António, nas classes de «Lusitos» e «Snips».

Solicita-se a todas as embarcações surtas no Guadiana que deixem a pista de remo livre e que atendam, prontamente, às indicações a fornecer.

## RENDEIRO OU CASEIRO

Precisa-se, para uma propriedade no sítio do Murtal, freguesia do Azinhal, Castro Marim, com a área de 45 Ha., sendo parte de regadio, com motor.

Enviar propostas, até 31 de Agosto, para A. Teixeira de Azevedo — Monte Gordo.

# AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 13 a 19 de Agosto:

TRAINEIRAS	
Leste	123.948\$00
Norte	103.205\$00
Ramira	99.040\$00
Brisa	64.750\$00
Agadão	61.270\$00
Levante	49.175\$00
Infante	48.800\$00
Batinha	46.803\$00
Flor do Guadiana	45.205\$00
Raulito	43.355\$00
Briosa	39.245\$00
Liberta	38.775\$00
Flor do Sul	38.085\$00
Tufão	35.640\$00
Deolinda Rita	35.345\$00
Triunfante	26.590\$00
Pérola do Guadiana	17.740\$00
Janita	15.305\$00
Maria Rosa	14.675\$00
Sete Estrelas	14.385\$00
Ormuz	13.500\$00
Mirita	7.110\$00
Sr.ª da Piedade	6.600\$00
La Rose	6.600\$00
Ponsul	6.180\$00
Estrela do Sul	6.060\$00
Pinguim	4.900\$00
Salvadora	1.900\$00
Total	1.014.186\$00

CERCOS	
Futuro de Olhão	17.880\$00
Total	17.880\$00

Atum da costa Algarvia	
11 Atuns	10.083\$30
1 Albacora	733\$30
Total	10.816\$60

MOVIMENTO DE NAVIOS NO PORTO de Vila Real de Santo António De 13 a 19 de Agosto:

Entrados:

COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
SHELL ONZE, Português, de 358 ton., de Lisboa, com gasóleo.

Saídos:

ARBEDO, Suíço, com conservas para Génova.
ZÉ MANEL e COSTEIRO, Portugueses, com minério, para Lisboa.
SHELL ONZE, Português, para Lisboa, vazio.
ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.


FARMÁCIA DE SERVIÇO Está de serviço permanente, de 20 a 26 de Agosto, a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito-Telef. 31.

## AOS NOSSOS ASSINANTES

Agradecemos a todos os nossos assinantes que, por qualquer motivo, deixaram devolver os recibos que se encontravam em cobrança, o favor de nos enviarem o valor dos mesmos — 9\$90 — em vale postal ou em selos de correio.



As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República — Telefone 12

## VACAS LEITEIRAS

Vendem-se duas vacas leiteiras. Dirigir a José Agostinho — Torre dos Frades — Vila Nova de Cacela.

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

## CONFECÇÕES Viresa, Lda

FÁBRICA DE CAMISAS VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Alonso Vasques Presidente da Câmara Municipal

# CASA DOLORES



ESPECIALIDAD EN MUÑEGAS  
ARTICULOS DE SPORT  
JUGUETES DE TODAS LAS CLASES

Calle Cap. Cortés, 9 — Teléfono 292  
**AYAMONTE**

# FRATERNIDAD HISPANO LUSA

*Una inolvidable jornada de confraternización entre autoridades de Vila Real de Santo António y Ayamonte, vivida en junio del pasado año, nos movió a escribir la crónica siguiente.*

UN sencillo acto de camaradería ha borrado de una vez la realidad geográfica que habíamos aprendido en nuestra infancia. La primera noción que tuvimos del contorno de España nos decía: «y al oeste, con el río Guadiana, que en su desembocadura la separa de Portugal».

Precisamente en la desembocadura de este Guadiana brujo, que ahito de glorias extremeñas se enarca para llevarse a Portugal la más alta poesía española y tras de la hoz prodigiosa vuelve, y no íntegro, a dar su medio caudal a España, dos pueblos han rubricado el más jocundo abrazo de fraternidad que con afán de siglos palpitaba en el corazón de españoles y portugueses: Ayamonte y Vila Real de Santo António.

Este Ayamonte señero, de blasonada alcurnia, que es umbral de hidalguía en el pórtico abierto al Portugal hermano y que cargado de Historia vió nacer en la margen opuesta del Guadiana altivo, el prodigio pombalino de Vila Real de Santo António, siente el orgullo de haber percibido día a día el engrandecimiento de la joven villa convertida ya en magno vestibulo de nuestro acceso a la nación hermana.

Espanoles y portugueses viven en esta proximidad geográfica la penetración racial que unen a Portugal y España. Esa línea jurisdiccional que llamamos frontera, aquí más que confín de Estado es lazo de fraternidad indisoluble.

Una feliz circunstancia deportiva reunió en Ayamonte a una selecta representación integrada por las

primeras autoridades de la villa hermana, de caballeros lusitanos. Caballeros en la más amplia acepción, del concepto. Y en tal ocasión, un grupo español selecto, formado por las primeras autoridades ayamontinas y funcionarios representati- del Gobierno español, patentizando el alto valor de nuestra hidalguía, acogió com los brazos abiertos, en ferviente espontaneidad, la simbólica embajada lusitana. Y en brindis unánime, encendidas por un mismo ardor las lenguas de Camoens y de Cervantes, se exaltaron las glorias patrias hasta fundir en una sola exclamación estentórea los ¡Viva Portugal! y ¡Viva España!

Hubiese bastado aquella jornada de intensa confraternidad para grabar con honda rúbrica el abrazo de las dos naciones. Sin embargo, el mismo grupo español que en simbolo de hidalguía abrió los brazos a los hermanos lusos, llevó a Vila Real, en idéntica circunstancia deportiva, la heráldica de nuestro mejor mensaje. Y en esta villa luminosa, limpio crisol de fragancias algarvias, tuvo su apoteosis la afirmación rotunda de nuestra fraterna conjunción. Los hermanos portugueses extremaron sus atenciones con el peculiar estilo de su exquisita galantería y en un haz único de vibración patriótica signaron esa anhelada fusión ibérica. Durante horas, la canción española, recia y brava, mezcló sus notas con la melodía nostálgica de las sonatas lusas hasta formar un solo himno sinfónico, que traía a nuestras almas el grito imperioso de la misma sangre.

# ALMACENES ARCOS

Géneros de Punto, Confecciones,  
Perfumeria del Pais e extranjera  
Bolsos, Artículos de viaje y Material Fotográfico

Cristóbal Colón, 10 Teléfono 189

**AYAMONTE**

CASA CENTRAL EN HUELVA - GENERAL MOLA, 15

Sucursales en las principales poblaciones

# CASA Martín Navarro

Almacén de Coloniales y Conservas

CAFÉS ARRIBA  
Tostadero de Café

TELÉFONO 7  
**AYAMONTE**

# PEREZ Y FEU

Conservas y Salazones de Pescados  
Harinas y Aceites de Pescados  
Barcos de Pesca — Salinas

Fábricas: AYAMONTE Y BARBATE DE FRANCO

Dirección telegráfica: PEFE

TELÉFONOS N.º 2 Y 142

Casa Central: AYAMONTE  
(HUELVA - ESPAÑA)

# Industrias del Mar S. A.

Pesca, Conservas, Salazones y derivados  
Conservas Vegetales

Dirección Telegráfica: INDEMAR Tléf. 170

AYAMONTE (HUELVA)

Sucursal en TARIFA (Cádiz)

# Casa Perrolas

Pensão - Comidas e Camas

Quando visite Ayamonte hospede-se na PENSÃO

da Casa Perrolas

TELEPHONE 139

Calle Capitán Cortés

AYAMONTE

# Restaurante

del CASINO ESPAÑA

PROPIETARIO:

MACARIO MOYA

(Chato de la Puebla)

CAFÉ EXPRESS

TELÉFONO 27

AYAMONTE

# Empresa Constructora Onubense

Generalísimo Franco, 38 — Teléfono 2400

HUELVA

# Manuel Fernández Jesús

CONSERVAS Y SALAZONES DE PESCADO

AYAMONTE

TELÉFONOS 73 Y 128

# METALÚRGICA PENINSULAR RAMÍREZ, PÉREZ, CUMBRERA Y Cía.

CASA FUNDADA EN 1890

Central: VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO (Portugal)

Sucursales: OLHÃO, PORTIMÃO (Portugal) - AYAMONTE (España)

ESTABLECIMIENTOS  
LITOGRAFICOS  
SOBRE HOJALATA  
Y FABRICACIÓN DE  
ENVASES METÁLICOS

AYAMONTE  
(HUELVA)

Telé { gramas: METALÚRGICA  
fono número 58

# MANIFESTACIONES ARTÍSTICO RELIGIOSAS DE AYAMONTE

(Continuacion de la página 1\*)

tu reflejo del de su autor o de un simbolismo, la obra de arte animada de un espíritu religioso, al ser este de calidad excelsa, puede dar a aquélla matices artísticos elevados y de hecho, así sucede. La Historia del Arte, sería incomprendible y parcial, si no incluye las creaciones artístico religiosas de todos los tiempos.

### Contenido espiritual de la obra de arte andaluz.

Con estos presupuestos de ídolo, racionales las manifestaciones artístico-religiosas de Andalucía, que tienen su más genuina representación en las ceremonias de la Semana Santa, se explican fácilmente. Para dar una idea de la génesis de estas obras artísticas comenzaremos por decir que la Semana Santa es una manifestación que abarca totalmente la mentalidad de los hombres andaluces; quiere esto decir que tiene unas raíces muy hondas que se extienden por todo el año y por muchos siglos de años atrás. El pueblo que recrea anualmente esa manifestación religiosa embebida de arte, cree en ella y en su labor educativa desde el punto de vista religioso, así como en su acción espiritual bienhechora.

En segundo lugar, la Semana Santa es una manifestación que participa tanto del campo religioso como del ámbito artístico. No se puede desprender el armazón bello y armonioso que rodea sus esculturas, retablos, pasos e imágenes, del contenido religioso de sus ceremonias. Están por tanto íntimamente unidas la religiosidad y la belleza.

Es una forma palpable para un creyente de expresar los misterios de la Fe. Es una manera de manifestar en el cristiano, su gusto estético. Para quienes crean o han creado la Semana Santa andaluza, lo bello es bueno y la verdad tiene que ser hermosa. No conciben la Fe religiosa vacía y huera, sino que humanizan los misterios y los acercan a nuestros sentidos mediante la explicación que de ellos dan las imágenes. Porque si la Fe nos dice que María fué Madre Inmaculada del Verbo, la Segunda persona de la Santísima Trinidad que se hizo Hombre, mucho más claro lo dice la faz de sufrimiento sublime de la imagen de la Virgen, puesto que sólo un sentimiento hondo de pena por la muerte de un hijo, puede originar aquella expresión de profundísimo dolor.

Y si el Dogma afirma que nuestra Señora fué concebida sin sombra de pecado original, las Inmaculadas de Murillo nos dan una definición plástica del Dogma. La pureza y simplicidad de alma que resplandece en aquellas figuras es, para sus contempladores, el mejor medio de comprensión de la definición dogmática.

Por todo ello y como una consecuencia lógica, la religión en Andalucía ha creado esa hermosa manifestación externa de sus creencias, que se dan a conocer en los actos de la Semana Santa. Hay un punto que se nos puede plantear como problema ¿por qué escogió el pueblo andaluz esa parte del contenido de la Doctrina cristiana para dar expresión a sus apetencias estéticas y religiosas? Creemos que fué por ser la más entrañable y la que está más llena de comprensión al espíritu cristiano. Porque la encarnación del Verbo hecho hombre para redimirnos y su posterior Muerte y Resurrección, son en el fino y agudo criterio popular, los aspectos más genuinos y representativos de la Doctrina cristiana.

Así el pueblo que es quien ha creado la Semana Santa con su

secuela de cofradías y actos procesionales, ve en la Crucifixión del Señor y en el dolor de su Madre que tradicionalmente le acompaña en su marcha por las calles, la mejor muestra de sus propios sentimientos, a saber, dolor y sufrimiento unidos a la alegría de la resurrección de la carne.

Ahora bien, este deseo difícilmente definible del espíritu popu-

Estos argumentos históricos intentando demostrar que en todo momento Andalucía ha sido tierra donde ha habitado una refinada civilización, se harían interminables. Solo deseamos dejar claro en el ánimo del lector que cualquier andaluz recibe por sangre, herencia y convivencia una enorme corriente de gusto artístico refinado que después se verá ali-



Nuestra Señora de las Angustias — Patrona de Ayamonte

lar, hubo de manifestarse en Andalucía conservando todas sus tradiciones de depurada educación clásica y artística. Si efectuamos una ojeada histórica a las diversas regiones de la tierra en donde el espíritu artístico ha tenido su manifestación más depurada, tenemos que reconocer que pocas regiones de este Mundo pueden presentar como Andalucía, una ejecutoria tan llena de manifestaciones estéticas dentro de su territorio y de hombres que sobresalieron en el campo del arte como valores de primera magnitud. En Andalucía tuvo su sede toda la cultura clásica que desde Grecia fué saltando de isla en isla a través del Mediterráneo hasta encontrar en el Imperio romano un divulgador intachable. Las ciudades romanas de Itálica, Mérida y Cádiz, fueron emporios de civilización en el sur de la Península.

Igualmente el esplendor de la cultura árabe desde el origen de este pueblo como tal, tuvo su mejor expresión en los Califatos de Córdoba y en los Reinos de Sevilla y Granada.

Pensemos por tanto que los seres que dieron a conocer a Europa el pensamiento aristotélico, la aritmética, la astrología y la medicina, eran árabes nacidos en Andalucía, hijos de padres andaluces y que en aquella región habían de permanecer durante ochocientos años consecutivos. Hoy en día los estudiosos egipcios y demás pueblos árabes, regresan a Córdoba y a Granada para contemplar las obras de arte que crearon sus antepasados y es en la Alhambra, en la Mezquita cordobesa y en otros cientos de monumentos contemporáneos de aquellos donde mejor se puede estudiar el sentido estético y las costumbres árabes en la cima de su esplendor y apogeo.

mentada a lo largo de su vida en la contemplación de los monumentos y las obras de arte de todo género que cubren la geografía del sur de España. Basta con atravesar una aldea andaluza y apreciar la armoniosa distribución a lo largo de las fachadas, de las rejas, geranios y claveles, para ver allí la mano de un artista que ordena toda aquella sintonía colorida. Por último, sólo recordar que Zurbarán, Velázquez, Valdés Leal y Murillo, para limitarnos al campo de la pintura y las primerísimas magnitudes, eran andaluces, nos dará la razón de la inmensa influencia del medio en el hombre.

El pueblo andaluz, por tanto e insisto por que son los artesanos y menestrales quienes crean y nutren las Cofradías en la Edad Moderna, heredero de esa dupla corriente religiosa y artística, da a luz una manifestación que le es propia: la procesión de Semana Santa.

Cuando vemos con ojos de admiración y veneración, el paso de una Cofradía que escolta a sus imágenes, llenas de luces y flores, por las estrecheces del urbanis-

mo caprichoso andaluz debemos pensar que ese desfile, lejos de surgir espontáneamente al son de las campanadas de la Iglesia, lleva tras sí una larga cadena de detalles de organización. La procesión es tarea de todo el año, de todos los días del año y de muchos decenios de años atrás. Acaso de siglos. Son las reuniones semanales de los cofrades, sus quehaceres diarios, la labor del «capillita» que armoniza y estimula la vida de la Cofradía, los encargos anuales a los mejores artistas para renovar un paso o restaurar una imagen, todo este quehacer forma parte también de la procesión. La continuidad de la Cofradía significa que sus miembros tienen unas obligaciones no solo materiales hacia el mantenimiento y sostén de la misma, sino deberes de índole espiritual o por lo menos, el hecho de pertenecer a una Cofradía, actúa como un freno moral en la vida de su miembro. He aquí la gran labor individual que llevan a cabo las Cofradías en la elevación del espíritu religioso general.

Prueba de ello es que en las épocas de mayor fervor y religiosidad, el florecimiento y auge de nuevas cofradías se ha hecho palpable; situación que se ha dado últimamente en España después de nuestra Cruzada.

Ayamonte, ciudad andaluza por los cuatro costados, participa de toda esta evolución histórica que hemos descrito y ha adornándose con lo más escogido de los sucesivos estilos arquitectónicos en sus iglesias. Así posee una bella portada Renacimiento en la Iglesia de la Parroquia del Salvador, rematada en una bella torre barroca del más puro estilo y poseyendo un artesonado mudéjar en la misma Iglesia; conjunto este típico en la arquitectura religiosa española que denota cómo los lugares dedicados al culto de Dios, son estructuras vivas a las cuales la religiosidad de cada época ha añadido, a veces con menoscabo de la pureza arquitectónica, un nuevo elemento aportado por los fieles en el citado momento que el estilo está en su auge.

Existen también dos bellas muestras arquitectónicas, una en la portada del palacio del Marqués de Ayamonte de estilo gótico de transición y el artesonado mudéjar de una casa de la calle Galdames.

Ayamonte tiene tres obras pictóricas muy apreciables, un Murillo denominado «Santas Justa y Rufina» existente en el Asilo Provincial y dos tablas de Pedro de Campaña, pertenecientes a la Parroquia del Salvador, llevadas actualmente a Sevilla para ser restauradas. Pero donde especialmente descuella el acervo artístico de Ayamonte es en sus retablos e imágenes. El Altar Mayor de la Parroquia de N. S. de las Angustias, de traza Renacimiento, consta de tres plantas de alto relieve con escenas alusivas a la Virgen. En la misma iglesia hay un retablo churrigueresco con una notable imagen de la Virgen de los Dolores y otro en el Baptisterio, ambos apreciables muestras en su género.

También merecen destacarse, los retablos barrocos de N. S. del Pilar y el del Altar Mayor de la Capilla de la Merced, así como

(Continúa en la página 8\*)

# ACTUALIDAD Y FUTURO DE AYAMONTE

UNA breve exposición de las grandes obras realizadas en Ayamonte y de los proyectos a ejecutar, nos dan idea del creciente ritmo de progreso que en todos los aspectos se manifiesta en la población.

### Abastecimiento de aguas

Fué siempre el problema del abastecimiento público de aguas potables el más difícil que tenía planteado la Ciudad. Acometido resueltamente, ha tenido feliz solución. En fecha 23 de Abril de 1955, el Ministro de Obras Públicas aprobó el proyecto de captación y conducción de aguas, adjudicándose inmediatamente las obras que ya han comenzado.

Por su extraordinaria importancia y primordial interés, la solución de tal problema es la realidad más plausible de cuantas el Gobierno español ha concedido a Ayamonte.

### Obras del Puerto

Se efectúan en la actualidad obras en el Puerto, de extraordinario interés para el futuro comercial y económico de Ayamonte, a cargo de la Comisión Administrativa de Puertos de España.

Construído el primer tramo de la ampliación del Muelle comercial sobre el Guadiana, funcionan ya los servicios propios del mismo, habiéndose instalado un despacho de combustibles para el suministro de barcos pesqueros.

Por una potente grúa se procede en la actualidad a la extracción de bloques de cemento, hundidos en el sector contiguo a la citada ampliación, al objeto de realizar la limpieza total del lecho del río y proceder a confeccionar el proyecto correspondiente para la continuación de las obras en la zona portuaria.

Está aprobado el anteproyecto para la construcción de una gran dársena de refugio en la Estero de la Ribera, frente al Paseo del General Queipo, funcionando activamente una draga que realiza la magna obra de limpieza del citado estero, que ha de quedar en su totalidad con un calado de tres metros en bajamar y que en el futuro será el canal marginal de la gran Avenida del Generalísimo Franco, dando a la entrada de Ayamonte un realce único.

### Instituto Laboral

El Instituto Laboral, de orientación marítima-pesquera, institución de colosal trascendencia para la futura preparación teórico-cultural de Ayamonte, fué creado por Orden del 21 de Marzo de 1955 y ha de erigirse en terrenos cedidos por el Ayuntamiento, inmediatos al Estadio Municipal de Deportes. El proyecto de construcción se eleva a 4.500.000'00 pesetas.

Actualmente se realizan obras en el edificio del antiguo Cuartel de la Guardia Civil, al objeto de iniciar las clases del Instituto Laboral a primeros de Octubre próximo.

### Grupos de viviendas

En 14 de Febrero del año en curso fué inaugurado un Grupo de 50 viviendas protegidas, que construyó el Instituto Nacional de la Vi-

venta y que están totalmente ocupadas. Denominase este Grupo «Barriada de Federico Mayo».

Está a punto de finalizar otro Grupo de 75 viviendas en terrenos contiguos a la Barriada anterior, construídas por la Obras Sindical del Hogar.

Existe un proyecto de construcción de 48 casas a cargo del Instituto Nacional de la Vivienda.

Hay otro proyecto para 60 viviendas de renta limitada en la calle 18 de Julio, que ejecutará la Obra Sindical del Hogar.

Asimismo, se tramita la construcción por Regiones Devastadas de 50 viviendas ultrabaratadas que albergarán a los actuales habitantes de chozas.

### Grupo Escolar «Rodrigo de Jerez»

Por Decreto del 13 de Mayo de 1955, el Ministerio de Educación Nacional concedió a Ayamonte la creación del Grupo Escolar Conmemorativo «Rodrigo de Jerez», a propuesta de la Inspección Provincial de Primera Enseñanza.

Constará el Grupo de seis clases de niños, seis de niñas y dos de párvulos de uno y otro sexo, con las cuales se formará una colonia de 700 escolares aproximadamente.

El Grupo Escolar «Rodrigo de Jerez» ha de erigirse en el centro urbano de la Ciudad, sobre terrenos cedidos por el Municipio.

### Glorieta de «Jimenez Barberi»

El cinco de Junio fué inaugurada la Glorieta que perpetúa la memoria del que fué el Poeta de Ayamonte, José Jiménez Barberi.

Es una plaza de original trazado, con árboles frondosos y líneas modernas, absolutamente de nueva construcción, que se levanta a la entrada de la Ciudad, frente a la Estación de ferrocarril.

### Albergue - Hotel

Se ha solicitado del Ministerio de Información y Turismo y se hacen activas gestiones cerca del mismo, para la construcción de un Albergue-Hotel con oficinas de información turística en el Muelle de Portugal, en lugar inmediato al edificio de Aduanas.

Es también obra de gran interés para el futuro turístico de Ayamonte, que por razones geográficas ha de aparecer en justicia frente al Sur de Portugal como la verdadera puerta de España.

# PROPOSITO DE UNION

(Continuacion de la página 1\*)

teriza. Villa Real de San Antonio es tierra fronteriza con Ayamonte y por eso siente y vive con esa psicología característica, de puerta para su país y de entrada para el vecino. Villa Real y Ayamonte, se contemplan a través de las mareas del Guadiana iluminadas a su vez, por el sol saliente y por el astro al ponerse. Así parece que este atractivo de la luz, que blanquea en la mañana las casas de Villa Real y amarillea en el atardecer las de Ayamonte, fué el polo de atracción, el programa político, de ambos pueblos peninsulares. Portugal, salió en busca de amaneceres a través de aguas procelosas y desconocidas, dando a luz enormes territorios nuevos a la Cristiandad. España, corrió hacia poniente, llevando en sus naves que salían de un puerto a pocas millas de Ayamonte, un hijo de aquella ciudad, Rodrigo de Jerez, quien por primera vez captó en sus ojos la tierra americana. La historia no es solo

buena para gabinetes o bibliotecas. La Historia actúa sobre nuestras mentes y voluntades, aún sin nosotros darnos cuenta. Aquella colaboración peninsular en los descubrimientos que se hace más palpable en estas tierras fronterizas, tiene por ello un peso específico en nuestras relaciones del presente. Y no olvidemos, que fué precisamente en los siglos de colaboración independiente, cuando nuestras dos patrias adquirieron su grandeza inmortal y los títulos de naciones descubridoras, creadoras de pueblos cristianos.

Hago sinceros votos para que esta edición especial de «Noticias do Algarve», sirva al acercamiento necesario y provechoso de nuestros dos países, dentro de los ideales cristianos, europeos y peninsulares que son comunes a Portugal y España.

Faro, 14 de Julio  
D. Henrique Suárez de Puga

Assine, o «Noticias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia!

## ROMANZA HISPANOLUSA

Brote jucunda la canción fraterna en el prodigio de la lengua hispana, para cantar al alma lusitana, romántica, inmortal, gloriosa y tierna.

Salga a la luz la admiración interna por esa heroica, bella y dulce hermana, a la que el Tajo, el Miño, el Guadiana, besan la planta en devoción eterna.

A España y Portugal, los mismos ríos acarician en locos desvaríos, y vibra en el rumor de cada ola

como un canto de gloria y de promesa... Está cantando el alma portuguesa su romanza de amor con la española.

J. JIMENEZ BARBERI †

## LA GIRALDA



LA CASA PREFERIDA POR LOS PORTUGUESES

Golón, 2 — AYAMONTE

## A GUERRA PENINSULAR

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

lhacaria e de tirania resistiram os soberbos filhos das terras peninsulares. Viriato podia-nos dizer acerca deste conjunto de basófia, de marcialidade e de despotismo qualquer coisa de muito curioso; as pedras de Numância também teriam muito que contar. E o mais espantoso, caso verdadeiramente singular e admirável, é que estes povos peninsulares, tão mestiçados e tão mal tratados, conservaram através dos tempos a sua individualidade e a sua soberbia. Nada de despiques entre eles — são leões que se devoram e que no cúmulo da raiva copiam a bíblica estampa de Abel e Caim. Mas ninguém de fora da sua Península ouse molestá-los. Que o digam, se de tal fosse possível conservar memória, os descendentes dos godos e dos romanos. A luta foi renhida, durou séculos, mas o nativo triunfou. De todos os intrusos que por aqui passaram, o único que se deixou tolerar, que se mesclou francamente com o indígena foi o islâmico. E apesar disso, teve de ceder ante a inexorabilidade de uma civilização rude, imperfeita, anárquica, mesmo, mas exigente na sua textura moral, tosca e bravia, que lhe impunha, a despeito de tais deformações, o sentimento telúrico da independência e da liberdade. Banidas as suas leis e o seu domínio (não os seus costumes e a sua tradição) de terras algarvias, finalizou a sua história quando Fernando V, em Granada, deu o golpe de misericórdia no califado do Ocidente.

É bravo este sentimento de liberdade dos povos peninsulares. Autônomos por fatalidade de geografia, de raça e de sentimentos, irreconciliáveis em disputas que firm seus bríos, unificam-se quando o inimigo a ambos avasala. Esquecem-se antigas rixas, diferendos que só a ambos interessam e que ambos souberam arumar com o seu sangue e com o seu orgulho, e todos a uma se voltam para quem chega em ar prepotente de mando e tirania. Estes povos do Guadiana podem-nos contar coisas bem interessantes acerca desse particular.

E vamos ver, já agora, o que nos diz a sua história. No princípio do século passado, Napoleão — que já tinha mostrado aos seus soldados as pirâmides do Egipto, do alto das quais, no seu dizer, vinte séculos os contemplavam, poupado ainda ao repicar agourento dos sinos de Moscovo, que badalariam, no meio das labaredas, o seu declínio — lembrou-se, mais que por devaneio de conquistador, por necessidades tácticas e políticas, de lançar os seus exércitos para cá dos Pirinéus. A Península claudicou. Portugueses e espanhóis tiveram que aceitar os generais de França e com eles os arbítrios da soldadesca. Orientava-se a política maquiavélica da intriga e assim conseguiram, em dado momento, indispor os povos peninsulares. Mas o equívoco não durou muito. E certo dia — enquanto em Cádiz, defendendo a Junta de Sevilha que ali se tinha refugiado, o regimento português de Infantaria 20 lutava pela liberdade peninsular e o general espanhol Francisco de Copons y Navia com as suas guerrilhas flagelava os franceses no condado de Niebla — certo dia, repetimos, apareceu afinado à porta da igreja de Olhão uma proclamação de Junot convidando os portugueses a tomarem armas contra os espanhóis. Foi isto em 16 de Junho de 1808. Encontrava-se na vizinha vila o governador de Vila Real de Santo António, coronel José Lopes de Sousa, «não menos vassallo fiel que militar brioso», que, indignado, arrancou o edital e incitou o povo à revolta. E começou aqui o declínio napoleónico na Península, prelúdio do exílio triste de Santa Helena. Ayamonte estava liberta de invasores e Lopes de Sousa, logo no dia seguinte ao da revolta, pediu ao marquês de Carrion, presidente da Junta da vizinha cidade, que lhe enviase armamento, munições e mesmo tropa regular. Mas o marquês respondeu-lhe que não lhe podia valer, porque apenas dispunha de 629 homens, na maioria desarmados e esfarrapados, e 159 cavalos. Mas, apesar de tudo, o capitão Sebastião Mestre e João Gomes Pincho conseguiram obter do marquês 130 espingardas, que levaram para Olhão.

Vila Real de Santo António, ponto estratégico de extraordinária importância, estava bem guardada pelas forças da divisão do general Maurin — um destacamento de artilharia, que ocupava as baterias do rio e costa, e forças de Infantaria 26 e granadeiros e caçadores do Meio-Dia. Maurin não ignorava que era este o único porto do Algarve onde podia fundear a esquadra inglesa de 56 navios que transportavam as tropas do general Spencer. A sua aparição ao largo da foz do Guadiana encheu de justificado temor o francês.

A revolta dos olhanenses alas-

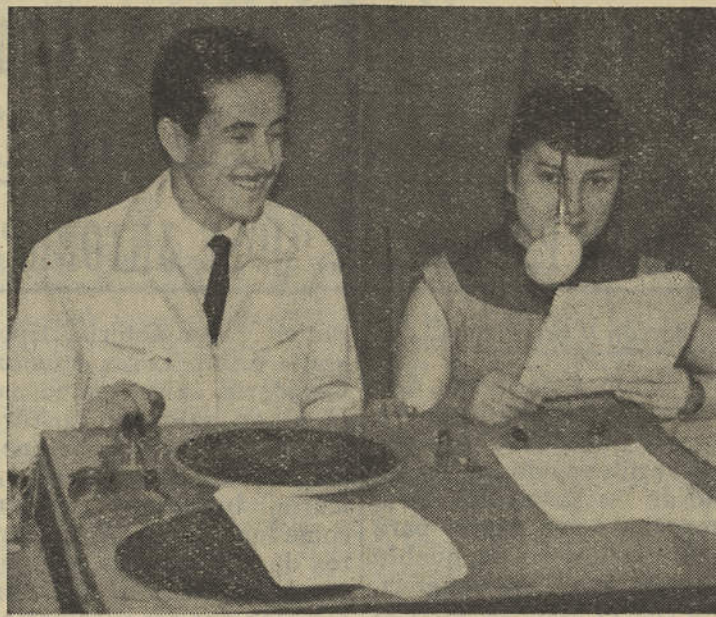
trou rapidamente a todo o Algarve. Castro Marim e Vila Real de Santo António, libertadas de uma parte da guarnição francesa que marchara para Tavira, Olhão e Faro, revoltaram-se no dia 21. A revolta naquela praça era comandada pelo governador, coronel Ricardo José Ferreira e pelo Juiz da Alfandega da vila Pombalina, João da Guarda Cabreira que, na tarde seguinte, organizou um cortejo cívico através das ruas de Castro Marim. Em Vila Real de Santo António, o governador interino da praça, capitão Francisco Xavier Mimoso, reuniu a Câmara e entre aclamações populares declarou liberta a nossa terra do domínio estrangeiro. Em seguida, empunhando o estandarte real, dirigiu-se para a bateria de Medo Alto, há anos arrasada e de que restam uns arruinados muros, e aí hasteou o pavilhão nacional ao som tonitroante do canhão. Organizou a defesa com civis e militares, descobriu as armas reais dos edifícios públicos e estabeleceu imediatamente comunicação com a Junta de Ayamonte, que lhe enviou algumas tropas à disposição das quais o nosso governador pôs toda a pólvora existente no paiol. Na noite de 22, um corpo da Legião do Meio-Dia, vindo de Alcoutim, sob o comando do capitão Magence, pretendeu tomar Castro Marim, mas a população, apesar de mal armada, não só afugentou os franceses como ainda capturou um oficial e 45 soldados, que entregou à Junta de Ayamonte. Entretanto, na vizinha vila proclamava-se regente do Algarve, em nome de D. João IV, o tenente-general Francisco de Melo da Cunha de Mendonça, 1.º conde de Castro Marim e capitão-geral das Armas do Algarve.

Escurraçados os franceses do território algarvio, solicitou o governador ajuda a Gibraltar e a Junta de Sevilha, recebendo desta 800 espingardas, e do governador de Gibraltar, 700 espingardas, 400 arrobas de pólvora, caixotes de balas e um barril de pederneiras. Havia que organizar a defesa, pois os franceses continuavam a pouca distância, em território espanhol.

Ainda os Algarvios, a bem dizer, não se tinham reorganizado, quando estas terras ribeirinhas foram alarmadas novamente com a aproximação das hostes napoleónicas. Estava-se em princípios de 1810. Os franceses tinham invadido, mais uma vez, a Andaluzia e uma divisão de Soult, comandada pelo príncipe de Areberg, dirigia-se para Ayamonte. Mas em Vila Real de Santo António, graças ao bispo D. Francisco Gomes de Avelar, tinham sido tomadas as disposições não só para defender o Algarve como também para proteger Ayamonte. Estava constituído o «cordão do Guadiana», com 5.000 fuzileiros, sob o comando do próprio prelado, que estabeleceu o quartel general na nossa vila. De Faro, tinham vindo 45 peças de artilharia, que guarneciam todas as baterias. Governava a praça o major Francisco Fernandes Leote, comandante da artilharia do Guadiana e Vascão. E quando os franceses, em 6 de Março, entraram em Ayamonte (800 homens de infantaria e cavalaria), foram imediatamente bombardeados pela escuna «Conceição», comandada pelo capitão-tenente António Pio dos Santos, que levou toda a noite de 6 para 7 a despejar metralha para o inimigo. Este viu-se forçado a abandonar a vizinha cidade na manhã seguinte. Mas no dia 10 voltou a Ayamonte. Recebeu-o o fogo das nossas baterias, sobretudo a da Carrasqueira, comandada pelo tenente Estêvão José Aleixo. De rija tempera era esta gente da beira Guadiana!

Em consequência do novo assédio dos franceses, a Junta de Sevilha, que deambulava por terras andaluzas, viu-se forçada a fugir para Vila Real de Santo António. E vieram para a nossa terra a artilharia e munições do castelo de Ayamonte e todas as embarcações daquele porto, a fim de não caírem em poder do inimigo. Parece-nos que o melhor, nesta altura, é transcrever um jornal da época, a «Gazeta de Ayamonte». Eis o que ela referia:

«Quando a divisão do príncipe de Areberg, reforçada, teve a ousadia de invadir esta praça de Ayamonte, de onde foi expulsiva vergonhosamente pelo fogo dos Fortes e das bem situadas baterias da nossa aliada Nação Portuguesa, e pelas forças subitas da mesma surtas no Guadiana, viu-se a Junta de Sevilha na precisão de tomar algum asilo, para não ser vítima dos Franceses e Espanhóis que, reunidos, anelavam surpreendê-la e aprisioná-la. Em Vila Real de Santo António encontrou a melhor hospitalidade. O Ex.º sr. bispo dos Algarves e capitão-general governador interino das armas, o governador militar daquele Porto e todos os portugueses deram-lhe as maiores mostras de amizade, de compai-



## EMISORA RÁDIO AYAMONTE

AL tratar actualmente de hablar de las cosas de nuestra vecina ciudad española de Ayamonte, es imposible hacerlo sin detenerse largamente en considerar la eficaz labor cultural que viene desarrollando una institución que apenas cuenta poco más de un año de existencia.

Nos referimos, claro está, a la emisora de rádio, Estación Escuela número 51 de la Cadena Azul del Frente de Juventudes.

Esta Emisora, por su es-

xão e de interesse pela comum causa. No entanto, a necessidade de prover de recursos uma população afilíssima e benemerita; a dificuldade de trasladar armazens, víveres, repartições e objectos em qualquer outra dificuldade que pudesse surgir, fez-lhe fixar a atenção sobre a ilha conhecida com o nome da torre que tem na sua ponta sobre a barra, chamada de Canela, situada junto à nossa costa, na parte de levante, em frente de Vila Real. A localização, extensão e natural defesa desta ilha, representavam um recurso importantíssimo nas actuais circunstâncias, porém era necessário reunir fundos e arbítrios para o povoamento de um terreno arenoso na maior parte, inteiramente inculto, sem poços, embora com bons mananciais a vária distância na légua e meia que rodeiam o mar, os esteiros e o Guadiana, pela frente e pelos costados».

E foi então, como último reduto, que a Junta de Sevilha escolheu, ali em frente, a ilha de Canela, que foi transformada num autêntico campo entricheirado e onde se levantaram improvisados arsenais e quartéis que alojaram regimentos. Tão bem fortificada ficou a ilha que, no dizer dos espanhóis, ela podia «competir com a Real Ilha de León, com Cádiz e qualquer outro Porto invencível». E efectivamente foi invencível, porque os franceses nunca lá entraram. Temiam a sua guarnição e já sabiam quão certa era a pontaria dos nossos artilheiros postados nas baterias da margem do Guadiana.

Esta fraternidade de armas que uniu os povos do Guadiana numa fase crítica da sua segurança e da sua independência, não foi mais do que a repetição de gestos semelhantes, em emergências idênticas, na antiguidade, quando o inimigo era comum. Se as circunstâncias geográficas, políticas e emocionais separaram irrevogavelmente os dois povos peninsulares, essas mesmas circunstâncias unem-nos quando a segurança ou a liberdade de qualquer deles está ameaçada. É uma fatalidade histórica!

E ao evocarmos a fraternidade que uniu estes povos do Guadiana na sua luta contra os exércitos napoleónicos, ao lembrarmos-nos de que eles tiveram que partilhar, nesses dias angustiosos, o escasso pão que havia nos seus celeiros e verter junto o seu sangue para defender a sua independência, queremos acentuar que essa camaradagem na guerra se tem mantido no ambiente calmo da paz, e que estes povos do Guadiana, que mouream o seu pão nas águas do grande Mar Atlântico, que foi estrada de glória para os peninsulares quinhentistas, hão-de viver as suas tristezas e as suas alegrias na comunidade de sentimentos e de interesses que os une desde que no alvorecer da civilização se viram necessitados de, em comum, defenderem a sua vida e o seu lar das gentes intrusas.

José Barão

tratégica situación geográfica, durante su todavia corta edad, se ha constituido en un elemento insustituible, no sólo de la vida ayamontina, si no de las de este rincón oriental del Algarve, y más concretamente, de nuestra villa.

Con ella, no sólo nosotros hemos aprendido a amar más las cosas de España, sino que los propios españoles, siguiendo los programas de música portuguesa que la emisora prodiga, han llegado a comprenderla mejor y ya no es extraño oír cómo cualquier español dedica a una amistad suya o a algún pariente, un fado cantado por la inimitable voz de nuestra Amalia Rodrigues.

Sería interesante ahondar en la obra que realiza en España el Frente de Juventudes, pero ello nos llevaría muy extensos renglones, y nosotros sólo vamos a referirnos a la radiodifusión juvenil.

El Frente de Juventudes es en España, lo mismo que en Portugal son nuestras Mocidades, y le está encomendada idéntica misión, que no es otra que la de la formación educacional en todos sus aspectos de las juventudes del país para que en un próximo mañana sean hombres útiles a la comunidad.

En su afán de no descuidar ninguna actividad profesional, la organización observó la perentoria necesidad de crear radiofonistas que entregaran nueva savia a esta moderna profesión, que cada día va requiriendo una preparación más sólida. Pero para ello se tropezaba con el inconveniente insoslayable de la existencia de pocas emisoras en España, y que las que había estaban circunscritas a los grandes centros urbanos; las pequeñas capitales y ¿cómo nó? los pueblos no tenían emisoras y, por tanto, los jóvenes habitantes del ámbito rural no podían tener acceso a una profesión de tanto porvenir. Y por ello nació la Cadena Azul.

La Cadena Azul nació de la nada. Nació únicamente por el impulso maravilloso de una juventud ansiosa, con deseos de engrandecimiento para su patria. Y hoy esta cadena cuenta con sesenta emisoras distribuidas por toda España, donde aprenden y se forman los futuros radiofonistas españoles, que antes no podían hacerlo. Es en verdad una obra de titanes. Y lo es más, si nos asomamos a cualquiera de las sesenta emisoras: Nadie dió dinero. Nadie lo tenía. Ni la Organización siquiera. Sin embargo, la emisora salió

## DA ILHA DA MADEIRA

### E DAS SUAS ADMIRÁVEIS REALIDADES PRESENTES

RECENTE viagem presidencial à Ilha da Madeira serviu, uma vez mais, para pôr em foco o que vale e significa, em relação a Portugal, a justamente intitulada «Pérola do Atlântico». Da Madeira me tenho, algumas vezes, ocupado, sempre com o interesse que uma das mais famosas e formosas parcelas do vasto Mundo português suscita a quem, sincera

e veementemente, o ama e admira. Desta vez, porém, porque a Ilha da Madeira (melhor dizendo: o arquipélago da Madeira, pois também a ilha do Porto Santo teve a honra de ser visitada pelo Presidente da República), se pôs, de modo especial, em foco, dela quero ocupar-me com especial interesse, aproveitando o ensejo para chamar a atenção dos meus leitores para a conveniência, senão a necessidade, de desviar para o arquipélago da Madeira a corrente do turismo nacional, que, de preferência, toma rumos estrangeiros, esquecendo ou menosprezando as belezas e grandezas de Portugal, bem dignas de serem amadas e admiradas por quantos rendem o merecido, o devido culto ao que de belo e grande a Providência concedeu à terra portuguesa pelo Mundo repartida.

A importância da Madeira — escrevi, no meu livro «Primavera nas Ilhas» — é, de há muito, um dogma. Sabe-se, ao menos de tradição, que os vinhos da ilha são dos melhores que, em todo o Orbe existem. Não há um português do Continente que não tenha provado, pelo menos, as bananas madeirenses, das mais saborosas que, no Mundo, são criadas. Quem não ouviu falar, ainda, uma vez só que fosse, dos bordados da Madeira, que pobres e sacrificadas mulheres produzem, com requintes de graça e de delicadeza? Onde a pessoa que não se haja sentado, algures, numa dessas cadeiras de vime que irradiam da ilha maravilhosa para todo o mundo português? Se outras coisas não houvesse, vinhos, bananas, bordados, móveis de vime chegariam para demonstrar, para legitimar esse dogma. Os dogmas, porém, não devem ser discutidos. Passemos, pois, adiante...

A importância económica da Madeira há a somar, entre outras, a importância social e a importância paisagística, por exemplo. Nunca é demais exaltá-las e louvá-las. Para quem, um dia, teve a felicidade de olhar, directamente, a paisagem insular, tornando-se quase dever, indeclinável dever, a exaltação e o louvor do que mais o assombrou, lhe tocou o cérebro e o coração. Socialmente, o Funchal — porque o Funchal é o resumo, a síntese, o expoente do progresso da Madeira — oferece um aspecto confortante. O que se faz na Madeira, quanto

Visado pela Comissão de Censura

(CONTINUA NA 7.ª PÁGINA)

## A LAVADEIRA

A mão da lavadeira, branca e fina, fina de mais, em quem tanto lavava, dizia bem com o rosto de menina que a sua dona, a Linda, apresentava,

Olhos azuis, a boca pequenina, um todo tão perfeito que encantava, quando a roupa estendia, era franzina, lavando mais franzina se mostrava...

A minha lavadeira, que bonita, erguendo as belas mãos, ao receber a roupa ou o dinheiro, dia a dia!

Era uma donairoza garotita com sete anos, ainda por fazer, que a ajudar a mãe se comprazia...

BIN OCLO

## Vda. de PEDRO JESUS OJEDA

CONSERVAS - SALAZONES - ANCHOAS

LAS MEJORES SARDINAS DEL SUR

Marcas Registradas } **PESCADOR  
GALATEA  
LA CONQUISTA**

TELÉFONOS 58 Y 33

AYAMONTE—(España)

## Domingo CRUZ Lorenzo

FÁBRICA DE CONSERVAS Y SALAZONES DE PESCADOS

Teleg. DOMINGO CRUZ

TELÉFONO 102

TELÉFONO PARTICULAR 137

**AYAMONTE**

( E S P A Ñ A )

### «ANTIGUA CASA PALLARES»

Cereales \* Galletas \* Vinos \* Dulces

## Hijo de Calixto Pérez Toresano

29 de Julio de 1936, n.º 9

**AYAMONTE**

— TELÉFONO 87 —

(HUELVA)

## CINCO GARDENIO AYAMONTE

Tem a honra de anunciar ao Ex.<sup>ma</sup> Público Português e Espanhol a exhibição de 3 grandiosos filmes por ocasião das festas de Nossa Senhora das Angústias:

Días 7 e 8 — **SU MAJESTAD DE LOS MARES DEL SUR**  
por Burt Lancaster — En Technicolor

Días 9 e 10 — **EL SR. DE BALANTRY**  
por Errol Flynn — En Technicolor

Día 11 — **AGENTE FEDERAL 678**  
por Dennis Ókeefe y Philippe Friend

## COMBUSTIBLES Y SUMINISTROS, S. A.

ANTIGUA CASA ROSAL Y MORRISON

Almacenes de Hierro, Cementos y de toda a clase de materiales para la construcción, Minas y Ferrocarriles, Consignaciones, Fletamentos, Seguros

**CARBONES MINERALES**  
(Depósitos flotantes en Huelva y Ayamonte)

CASA EN MADRID  
**ROSAL, S. A. DE CARBONES**  
Dirección Telegráfica: CARBOCEAN MORRISON

AYAMONTE: Muelle de Portugal, Teléf. 7

HUELVA: General Franco, 38

Teléf. } Urbano 2400 y 2401  
Conferencias 2223

## Pesqueras del Guadiana, S. A.

Vapores de Pesca

**HUELVA**

## LA INSTITUCIÓN BENÉFICA "CASA CUNA"

### Y ASILO PROVINCIAL "JOSÉ ANTONIO"

#### Fundación y privilegios

EN octubre de 1,666, don Benito Galdames, un ayamontino de noble corazón residiendo en la ciudad de los Reyes del Perú, otorgaba testamento para la fundación en su pueblo natal de una Casa benéfica, que con el nombre de «Casa Hospital del Niños Expósitos de la ciudad de Ayamonte» comenzó a edificarse en 1,669, en la calle hoy denominada de los Galdames. En 1,668, don Francisco Galdames Cano, sobrino del fundador, hizo, entre otros donativos, un legado de mil pesos de a ocho reales.

En 1,718, el Rey don Felipe V concedió una Cédula Real otorgando a los niños de esta Casa Cuna los mismos privilegios que a los de la de Madrid, privilegios que confirmó en 10 de septiembre de 1,771 el Rey don Carlos III.

Desenvolvióse la fundación con las rentas de las donaciones hechas por los fundadores hasta 1,868 en que pasó a depender de la Beneficencia Provincial, estando a cargo de la Exma. Deputación Provincial de Huelva el sostenimiento de la benéfica institución.

#### Reformas y características

A PARTIR de la fecha en que queda subvencionada por el organismo provincial, se introducen incesantemente reformas y ampliaciones de locales y servicios, llegando a figurar en la actualidad como un Establecimiento modelo entre los que de su género existen en España.

Forma el Establecimiento un vasto edificio de grandes proporciones, en el que están unificados y perfectamente distribuidos todos los servicios que una obra de tal interés social exige.

Existe en la planta baja y en el primer término de acceso un hermoso patio, cuya frondosidad y perenne verdor tiene un definido sello claustral. En el centro del mismo se erige una estatua de la Milagrosa. En el sencillo y a la par severo despacho del Diputado-Visitador, existe una verdadera reliquia del arte pictórico español. Trátase del cuadro «Santas Justa y Rufina», obra del inmortal Murillo, de incalculable valor. En esta misma planta está emplazada la iglesia-capilla del Socorro, donde se rinde culto a la imagen de Nuestro Padre Jesús Nazareno, talla procedente de América, de fervorosa veneración popular. En esta misma planta están el despacho de la Superiora, sala de visitas, almacén de ropas, rectorio de Hermanas, farmacia, botiquín y comedor de párvulos.

En el segundo cuerpo de la misma planta, la amplia cocina, despensa, lavadero y patio de recreo de niñas.

En la planta superior, dormitorios y escuelas de niñas, salón-recreo de las mismas, galerías contiguas al patio central antes descrito, dormitorio de párvulos, escuela, cuartos de aseo y salón recreo de los mismos. También en la planta superior y en el departamento destinado a niños mayores, están los talleres de carpintería, sastrería, zapatería, albañilería, me-

cánica y lampistería, tipografía e impresión, música, panadería, salón recreo para niños, salón de costura del departamento, salones escuela de enseñanza primaria, biblioteca escolar, comedor, dormitorio, cuartos de aseo en los mismos y sala-enfermería. Existen también dos grandes patios de recreo.

#### Misión benéfica

ACTUALMENTE es Diputado-Visitador y gestor de la Exma. Deputación Provincial de Huelva, el Alcalde de Ayamonte don Narciso Martín Navarro y Administrador, don Manuel Delgado González.

Prestan sus beneméritos servicios en el Establecimiento catorce Hijas de la Caridad de San Vicente de Paul, bajo la dirección de la Reverenda Madre Superiora sor Cirila Millán Alonso. Cada Hermana de la Caridad desempeña una labor y una misión al frente de cada departamento o de cada dependencia. A ellas, pues, está encomendada la regencia tutelar del funcionamiento interno de la Casa.

Hay acogidos un total de trescientos cuarenta niños de uno y otro sexo, huérfanos en su inmensa mayoría. Estos asilados reciben una esmerada educación primaria, pasando después a instruirse en la formación profesional por la que sientan preferente inclinación. Forjan, pues, en los propios talleres del Establecimiento, la base de su futuro, ya que una vez cumplidos sus deberes militares, dejan de pertenecer al censo de la institución. Las hembras permanecen hasta contraer nupcias ó ser baja a petición propia, con todas las garantías de un futuro decoroso.

Como queda descrito, todos los servicios quedan ensamblados en una organización perfecta, orgullo del organismo provincial, a cuyas expensas funciona este modelo de institución benéfica.

#### NÃO HESITE

Para os seus trabalhos tipográficos ou carimbos

PREFIRA A

**TIPOGRAFIA SOCORRO**

FÁBRICA DE CARIMBOS

Telefone 59 Apartado 3

Vila Real de Santo António

## Manuel Santos Cabo

Ultramarinos y Vinos al por mayor

Teniente Medina, 23

Calles 18 de Julio n.º 16

Plaza Sor Angela de la Cruz

— Teléfonos

319

224

228

**AYAMONTE**

E. F. Y. A. S. A.

EXPLOTACIONES FORESTALES  
Y AGRICOLAS, S. A.

Maderas de Pino y Eucaliptus  
Serrería y Bosques

El Empalme de ISLA CRISTINA (Huelva)

Teléfono 195 de ISLA CRISTINA

## CASA GILDO VINOS — LICORES

Calle Cristóbal Colón, 14

**AYAMONTE**

**SEYER** ♦ RELOJERIA  
PLATERIA

J. Manuel Reyes Rodríguez

San Diego, 8 — AYAMONTE

Relojes de todas las marcas

TELÉFONO 181

BISUTERIA FINA — OPTICA  
PLUMAS ESTILOGRAFICAS  
ARTICULOS DE REGALOS

RECUERDE ESTE NOMBRE

**GALERIAS**

**GABINO**



Cervantes, 2  
y González de Aguilar, 8  
Teléfono 192

PERFUMERIA - MERCERIA - COMBINACIONES  
ARTICULOS DE PIEL - VELOS - GUANTES  
ARTICULOS DE VIAJE - BISUTERIA  
JUGUETES - PAPELERIA  
TEJIDOS DE SEDA Y ALGODON

**AYAMONTE**  
(HUELVA)

**Bar Jerez**



Le ofrece su nuevo comedor magníficamente instalado

**RESTAURANTE**—Las mejores bebidas  
—Las más exquisitas tapas—  
Vinos y Licores de todas clases

Paseo Queipo de Llano, 5  
**AYAMONTE** — (Huelva)

**Casa Barberi**

**RESTAURANTE**

A Casa que não necessita de anunciar-se A Casa conhecida de todos os portugueses

TELEFONE 354  
**AYAMONTE**



PARA CALZADOS EN AYAMONTE

VISITE

**CASA SOTO**  
San Diego, 3

LA ELEGANCIA  
Calle Colón, 5

**AYAMONTE**

Artículos de Regalo  
Perfumeria  
Bisuteria

**Casa Reyes**

G. Colón, 8  
Teléfono 211  
**AYAMONTE**

**TRADUÇÕES E CORRESPONDÊNCIA**

em Francês, Italiano, Espanhol, Inglês e Alemão (Comercial ou Técnica), executado em m/ casa, em máquina nova própria, com rapidez e discrição.

F. MORAIS RODRIGUES  
Rua Miguel Bombarda, 30  
Vila Real de Santo António

# FESTEJOS EN HONOR DE NTRA. SRA. DE LAS ANGIUSTIAS

DURANTE LOS DÍAS 7, 8, 9, 10 Y 11 DE SEPTIEMBRE DE 1955

## PROGRAMA OFICIAL

### Día 7

Diana — por las Bandas de Música del 1.º Tercio Móvil de la Guardia-civil, de Madrid, Sociedade Filarmónica Humanitaria de Palmela (Lisboa) y Asilo Provincial «José Antonio» de Ayamonte, y Calvagata de Gigantes y Cabezudos.

A las 8.50 — Salida de los Corredores para la Gran Prueba Ciclista Ayamonte-Huelva-Ayamonte, en la que participarán destacados corredores de categoría nacional.

A las 12 — Concierto Musical, por la Banda de la Sociedade Filarmónica Humanitaria, en el Paseo Queipo de Llano, coincidiendo con la llegada de los participantes de la Carrera Ciclista, y entrega de premios a los vencedores.

A las 15 — El Excelentísimo Señor Gobernador Civil de la Provincia y demás Autoridades asistirán a la Inauguración de la VI Exposición de Artistas Ayamontinos, en los Salones del Ilustrísimo Ayuntamiento; a la Apertura de la Nueva vía Pública Pasaje del Maestro Nemesio Miranda; rotulación de la Calle José Pérez Barroso; inauguración del Instituto Laboral en su edificio Provisional, y de la nueva Estación Terminal de Ferrocarril.

A las 17.30 — Partido de Fútbol, entre los equipos: Sporting Club Farense, de Faro (Portugal) y Real Club Recreativo, de Huelva.

A las 20.30 — Solemnes Maitines, con asistencia de la «Schola Cantorum» de Estudiantes Teólogos Capuchinos, de Sevilla.

A las 25 — Velada Musical — Función de Fuegos Artificiales por un renombrado pirotécnico de Zaragoza. Verbena Popular en el Paseo Queipo de Llano.

### Día 8

A las 10.30 — Solemne Función Religiosa en la Parroquia de Nuestra Señora de las Angustias, que será oficiada de Pontifical por el Excelentísimo y Reverendísimo Señor Obispo de Faro

### EXCURSION

#### A VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO Y MONTE GORDO DE CINEASTAS ESPAÑOLES

Con motivo de la gran semana cinematográfica que se ha celebrado en Punta Umbría (España), los artistas, directores, críticos y periodistas que concurren al magno festival, realizaron una excursión a Ayamonte, Vila Real de Santo António e Monte Gordo, el jueves, 18.

Por el Ayuntamiento de Ayamonte les fue ofrecido un almuerzo a los excursionistas, terminado el cual, los artistas y acompañantes se trasladaron a Vila Real de Santo António e Monte Gordo.

En la excursión figuraban la actriz dramática española María Fernanda Ladrón de Guevara, las estrellas Maruja Asquerino, Silvia Morgan, Loli del Amo, María Rivas, Ilsa Ferreiro y Marta Ruel, los galanes Ruben Rojo, Peter Damon y José María Sloane, el director de la revista «Primer Plano» Adriano del Valle y principales periodistas y críticos cinematográficos de la Radio y la Prensa de Madrid.

La excursión marchó encantada de las amabilidades y acogida que se le dispuso.

(Portugal); cantada por la «Schola Cantorum» de Estudiantes Teólogos Capuchinos, que interpretará la «Missa In Onore del Seráfico Patriarca San Francesco D'Assisi» a tres voces viriles, de Ciro Grassi. Las partes variables de la Misa en Gregoriano y fabordón. Al Ofertorio, interpretará el «Ave María» de Gorostidi, a cuatro voces de hombres, y al final de la Misa, «Quisiera la Virgen María» de Luis Iruarizaga.

Ocupará la Sagrada Catedral el Reverendo Padre Don Manuel Martínez Ruiz, de la Compañía de Jesús.

A las 12.50 — Concierto Musical, por la Banda del Asilo Provincial «José Antonio», en la Plaza de dicho nombre.

A las 17.30 — Gran corrida de novillos-toros, lidiándose seis reses de la ganadería de Don Juan Belmonte García, de Sevilla, por los diestros: Jaime Ostos, de Ecija, Joselito Huertas, de Méjico, y José Júlío, de Portugal.

A las 20 — Cena de Honor, en el Salón de Actos del Palacio Municipal a las Autoridades y Representaciones Oficiales.

A las 22 — Procesión de Nuestra Excelsa Patrona la Santísima Virgen de las Angustias, presidida por los Excmos. y Rvdmos. Obispos de Faro y de Huelva; el Excmo. Sr. Gobernador Civil de Huelva; Ilma. Corporación Municipal y demás Autoridades portuguesas y españolas. Acompañarán a esta solemne Procesión las Bandas de Música del 1.º Tercio Móvil de la Guardia Civil, Filarmónica-Humanitaria y Asilo Provincial «José Antonio».

Al paso de la Santísima Virgen por el Paseo Queipo de Llano, se quemará un precioso «Bouquet» de fuegos artificiales de la Región del Miño (Portugal).

A las 24 — Velada Musical y Gran Función de Fuegos de la Región del Miño (Portugal).

### Día 9

A las 11 — Primera Gran Regata de Botes de Panda y Concursos de Natación y Cucañas, con importantes premios en metálico.

A las 15 — Conciertos Musicales, por las Bandas Filarmónica Humanitaria, en la calle Cristóbal Colón, y la del 1.º Tercio Móvil de la Guardia Civil, en la Caseta de Feria.

A las 17.30 — Partido de Fútbol, entre los equipos: Portimonense Sporting Club, de Portimão (Portugal) y Sevilla C. F. (amateur).

A las 21.50 — Desfile de la Cabalgata de Gigantes y Cabezudos, amenizada por la Banda del Asilo Provincial.

A las 25 — Extraordinario Certamen Musical en la Plaza de Toros, participando las Bandas del 1.º Tercio de la Guardia Civil y Filarmónica Humanitaria, y presentación del Orfeón de la Sociedade de Amadores de Música y Teatro de Tavira (Portugal) compuesto por 120 voces mixtas.

A las 24.30 — Verbena Popular en honor de la Marinería de los Buques de Guerra portugueses y españoles surtos en el Puerto.

### Día 10

A las 11 — Extraordinarias regatas de «Snipes», en las que participarán embarcaciones de los Clubs Náuticos de Faro, Vila Real, Tavira, Portimão, Huelva, e Isla Cristina, otorgándose valiosos trofeos.

A las 13 — Concierto Musical en la calle Cristóbal Colón, por la Banda del Asilo Provincial «José Antonio».

A las 17.30 — Gran espectáculo Cómico — Taurino — Musical a cargo de la renombrada Agrupación «Galas de Arte».

A las 21 — Velada Musical, en el Paseo Queipo de Llano.

A las 25 — Festival Folklórico Internacional, con la intervención de los Coros y Danzas da Casa do Povo de Alte (Portugal) y los de la Sección Femenina de FET, y de las JONS, de Huelva.

A las 24.50 — Verbena Popular — Gran Función de Fuegos Artificiales por acreditada Casa de Zaragoza.

### Día 11

A las 9 — Misa de Campaña con asistencia de las dotaciones de los barcos de guerra surtos en el Puerto.

La misa se celebrará en la Plaza de José Antonio Primo de Rivera.

A las 10.30 — Carreras Motoristas (pruebas de regularidad) — Carreras Ciclo-Pedestres — Carreras de Cintas.

A las 15 — Concierto Musical con las Bandas Filarmónica Humanitaria y Primer Tercio de la Guardia civil, en la calle Cristóbal Colón y Paseo Queipo de Llano.

A las 17.30 — Partido de Fútbol (competición de primera categoría regional) entre el Ayuntamiento C. de F. y el Club que designe la Federación.

A las 21 — Velada Musical.

A las 24 — Verbena Popular — Fuegos Aereos, finalizando los festejos con la tradicional Retreta amenizada por todas las Bandas de Música.

### NOTAS

Durante los días de fiestas, permanecerán en nuestro Puerto buques de Guerra de las gloriosas Armadas portuguesa y española, en honor de cuyas dotaciones se celebrarán diversos actos.

Las Excmas. Autoridades portuguesas y españolas han concedido las máximas facilidades, permaneciendo abierta la frontera los días 7 al 11 de Septiembre.

Servicios especiales de autobuses y adaptación del horario de trenes.

Se ruega a las Sras. y Srtas asistan a la Verbena con Mantón de Manila.

Todos los días, elevación de Globos y Fantoques.

El Paseo Queipo de Llano y otras vías principales lucirán extraordinaria y artística iluminación eléctrica.

El día de la Patrona se reparitará una abundante limosna a los pobres.

En el Ayuntamiento, funcionará una Oficina de información a disposición de los Sres. visitantes.

**Casa ROGADO**

de Rodríguez Llamas

Tejidos de Seda y Algodón

Confecciones — Géneros de Punto

Artículos de viaje

**AYAMONTE**

**Santiago Zamudio Fernández**

AGENTE COMERCIAL COLEGIADO

Compra-Venta de: CONSERVAS

ACEITES Y GUINOS DE PEIXE

Guadiana, 21 Telf. 127

**— AYAMONTE —**

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

## FESTAS A NOSSA SENHORA DAS ANGIUSTIAS EM AIAMONTE

SEGUNDO anteriormente noticiámos, espera-se que obtenha grande esplendor e luzimento o programa de festejos a realizar na vizinha cidade irmã, nos próximos dias 7, 8, 9, 10, e 11 de Setembro. Dadas as facilidades de trânsito na fronteira, que as Autoridades dos dois países este ano deliberaram conceder, prevê-se que a afluência de passageiros em trânsito para Espanha seja considerável, pelo que a linda e nobre cidade andaluza está a preparar as suas melhores galas e números festivos para bem acolher os visitantes lusitanos, seus irmãos e amigos.

A Empresa de Transportes do Rio Guadiana, Lda., a cujo cargo está o transporte de passageiros no rio, fez editar uns folhetos de propaganda das Festas, no qual informa que os seus serviços de tráfego internacional estão já devidamente montados de forma a assegurar o trânsito fluvial entre Aiamonte e a nossa vila, nos dois sentidos, com a maior rapidez e segurança dos passageiros. O novo e excelente «ferry boat» «Campino» estará pronto a transportar veículos automóveis, autocarros, etc. para a outra margem do rio.

Nos escritórios da referida empresa, situados na Avenida da República, em Vila Real de Santo António, prestar-se-ão todas as informações sobre as festas aiamontinas. Recomenda-se aos visitantes portugueses que venham munidos do seu Bilhete de Identidade, Cédula Pessoal ou de qualquer outro documento que identifique devidamente o seu detentor, para beneficiar das facilidades anunciadas.

### Princípio de incêndio

Na passada quinta-feira, quando se procedia a uma soldagem com um maçarico, numa dependência da casa de bicicletas do sr. João do Carmo Oeiras, na rua Dr. Miguel Bombarda, inflamou-se um garrafão de gasolina, que comunicou fogo à casa.

Dado o alarme, ali apareceu prontamente o bombeiro voluntário n.º 2, sr. Francisco Morgado, que extinguiu o foco incendiário com um aparelho extintor. Entretanto, e com a fumarada produzida, encontrava-se inanimado um garoto, dentro de casa, o qual teve de ser salvo por uma varanda.

E' digna dos maiores louvores a prontidão com que os prestimosos Bombeiros Voluntários desta vila accorreram ao local, sob o comando do sr. Luís C. de Figueiredo, se bem que já não fosse necessária a sua actuação, por se encontrar dominado o foco de incêndio, que, devido à rápida intervenção havida, não teve consequências graves.

**Farmacia Massoni**

**AYAMONTE**

**TRESPASSA-SE**

Um estabelecimento bem localizado na Rua Miguel Bombarda, n.º 58.

Tratar com João Inácio Pato, Rua Almeida Garrett, n.º 12, em Vila Real de Santo António.

Assinal e propagai «Notícias do Algarve»

**Viuva Vasques Azevedo, Martin Navarro & C.ª, L.ª**

IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO

COMISSÕES — CONSIGNAÇÕES — REPRESENTAÇÕES

**SUB-AGENTES DE NAVEGAÇÃO**

Telefones { Escritório, 69 Endereço Telegráfico Residência, 98 } **ODEVEZA**

**VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO**

**VARADERO DE HUELVA S. A.**

Construccion y Reparación de BUQUES

TELÉFONO 2312

Avenida de Italia, 51

**HUELVA**

Perfumeria  
Paqueteria  
Bisuteria

**Antonio Estévez Carro**

Confecciones  
Novedades  
Juguetes

ARTICULOS DE FANTASIA

C. COLÓN, NÚM. 15

**AYAMONTE**

**Bar Los Gabrieles**

FRANCISCO MUNIZ CORTADA

RESTAURANTE

Vinos, Aguardientes y Cervezas

LICORES-TAPAS-VARIADAS

Manzanilla Selecta

General Mola, 4 y Cervantes, 1

**AYAMONTE (HUELVA)**

HABITACIONES INDIVIDUALES

- ESMERADO SERVICIO -

Casa especial para Viajantes

PRECIOS MODICOS

**Pensión Blanquiña**

CALVO SOTELO, 6

CAPITAN CORTES, 1

**AYAMONTE (HUELVA)**

**La Abundancia**

Ultramarinos Finos

Cereales e Marinhas

Seccion de Merceria, Paqueteria

— PERFUMERIA —

Articulos de Piel y Zapatillas

**J. Salvador Vaz Palma**

Capitán Cortés, 13 - Teléfono 14

**AYAMONTE**

**EN AYAMONTE LA CASA DOMINGUEZ RIOS**

ofrece a sus distinguidos vecinos y amigos de Portugal, por gentileza de «Noticias do Algarve», un extenso surtido de inmejorable calidad en:

**Articulos de CAZA y PESCA**

Especialidad; PATENTES SUBMARINAS AL COBRE

Capitan Cortés, 10 y Av. General Franco, 11

Telefonos 66 y 112

a assistência social e, principalmente, hospitalar, apresenta um exemplo a admirar e a seguir. Se nem todos os aspectos da capital da ilha são simpáticos — e só um intuito de baixa lisonja poderá um incondicional elogio —, o aspecto da assistência elimina, por assim dizer, muitas arestas na fisionomia geral; reabilita-as, se é possível. Acerca da paisagem da Madeira, não há, com certeza, duas opiniões discordes. Por si só, ela vale a ilha, — poderá asseverar quem se tenha deslumbrado em face dela.

Entretanto, não vá cair-se no exagero de dizer que a Madeira tem, apenas, a paisagem. Não. A Madeira tem sobejos motivos de beleza e de grandeza. Deles pode, justamente, orgulhar-se. Quanto a nós, portugueses do Continente, é lícito que nos orgulhemos, sobretudo, da paisagem da mais bela ilha portuguesa, que é, consequentemente, a mais bela paisagem de Portugal. Ofender-se-ão, com o asserto, os naturais das outras terras portuguesas em que a Natureza, pródigoamente, derramou benesses e dons? Não, por certo, por mais cego que seja o seu amor à terra em que nasceram. É que a Madeira não foi entronizada, apenas, pelos portugueses que a viram e pasmaram dos seus encantos típicos. Estrangeiros de bom gosto, conhecedores das belezas do Mundo, conferiram já à Madeira a categoria suprema de rainha.

Foi com a nossa opinião e a alheia, portanto, que se teceu o manto com que a Madeira pode, dignamente, revestir-se. Sob esse manto, é certo, lateja a miséria e o sofrimento. Nem tudo é belo e grande na paisagem, embora tudo seja típico. No interior da ilha, onde as maravilhas naturais são, precisamente, mais impressionantes, mais espantosas, abundam, ainda, as notas deprimentes, os traços vergonhosos. O sacrifício do trabalhador rural é quase de epopeia, na sua simplicidade, na sua nudez. Elimine-se tudo o que destoa na fisionomia surpreendente da ilha — e a Madeira será, então, verdadeiramente, no dizer estafado, na expressão-estribilho, a «Pérola do Atlântico». Por enquanto, pela beleza que já a distingue, pelo clima salutar, pelo recorte incomparável da sua paisagem, pelo seu céu, pelo seu mar, por todas as graças que a mimaram, a Madeira é a mais encantadora, a mais bela, a melhor de todas as ilhas portuguesas.

Nem tudo está feito, ainda, na Madeira, no sentido de a tornar uma terra modelar, no concerto das terras portuguesas. Já se fez, porém, o bastante para ser lícito afirmar que o progresso madeirense, em todos os campos, não é, de modo algum, vá expressão. A rede rodoviária, permitindo o acesso rápido a todos os pontos da ilha maravilhosa, constitui, sem dúvida, um dos traços salientes desse fomento material que assinala o progresso madeirense. Subsistem, é certo, problemas momentâneos a resolver, com prioridade para o excesso de densidade populacional. Certo é, também, contudo, que o Governo estuda a mais adequada solução para esses momentâneos problemas, que, a meu ver, não tardarão muito a ser resolvidos. Da recente viagem presidencial

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

## TERRAS DE SOL E AMOR

Por MARGOS ALGARVE

**O** HISTORIADOR Oliveira Martins, que viveu alguns anos em Espanha, disse com fundada razão: «Andaluzia é um prolongamento do Algarve». E tudo nos indica que esse homem sereno e profundo penetrou numa verdade histórica com exemplar escrupuloso. A geografia, a paisagem, a fauna humana, os sentimentos étnicos, a vivacidade, a luz e alegria que irradia o Algarve são iguais aos que banham o litoral e o interior de Andaluzia. As fulgurações do Sol e os arrebatamentos do Amor também se irmanam e confundem no mesmo beijo divino e humano.

Pisei cinco vezes as ruas de Ayamonte e por elas deambulei em noites de luar, em pleno Verão, enquanto não me foi possível visitar Sevilha — essa pérola de facetas nacaradas, trémulas e luminosas que o Guadalquivir prende de nas suas algemas de prata líquida...

Uma das minhas idas a Ayamonte conta trinta e sete anos — completam-se no próximo mês de Setembro — e foi pela festa das Angústias. Um calor tropical percorria as artérias da pitoresca cidade andaluza.

Eu e outros algarvios tomámos de assalto, para o almoço, «La Fonda de la Campana», uma pensão que tinha fama de bem servir os clientes. Antes de nós, porém, já ali estacionavam outros hóspedes, impacientes como nós. Eu, para iludir o estômago, tratei de analisar a mobília escura que adornava a casa de jantar e os quartos de «La Fonda». Uma tristeza dramática pairava no ambiente e no mobiliário. Um dos convivas, dos arredores de Ayamonte, elucidou-me que o dono tinha falecido havia um ano e que a esposa, que mantinha de pé o negócio, após a sua morte, levou o luto do seu coração até aos móveis de casa... Não me contive e exclamei em voz alta:

— Que magnífico drama para ser ampliado e trabalhado por D. Jacinto Benavente!...

De súbito, apareceram três convivas de Olhão, e um rosto alegre a destacar-se no meio dos dois. Era o poeta João Lúcio, a saudar-me de longe, risonhamente, com o seu semblante gentil e os olhos escuros e veludosos. Todos se sentiram animados com a

### BREVE COMENTÁRIO DE APRESENTAÇÃO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

idêntico clima de franca e viva estima.

De resto, esta amizade, que procuramos estreitar ainda mais com uma modesta mas sincera contribuição, é apenas o natural reflexo da amizade, velha de séculos, que une os dois povos peninsulares — tão intimamente ligados no seu glorioso passado histórico.

Juntos, quando tomava vulto a formação das duas nacionalidades, na defesa do solo ibérico contra a arremetida do mouro cubiceiro — juntos permanecemos, nos calamitosos tempos que vão ocorrendo, na defesa de todos os valores que representam a civilização do Ocidente.

Saudando as autoridades desta vila e da urbe aimontina, aproveitamos o ensejo para manifestar-lhes os melhores agradecimentos pelo apoio decidido e entusiástico que lhes mereceu a nossa iniciativa.

— porque não o admitir? — resultarão vantagens consideráveis para o arquipélago madeirense, onde pontifica homens de boa vontade e lúcido critério. Confie-mos todos, os que amamos e admiramos a Madeira, em que o arquipélago maravilhoso se converterá, em breve, naquilo que precisa de ser, que tem direito a ser, para seu próprio bem — e para bem de Portugal.

Hugo Rocha

sua voz harmoniosa e resignados com os seus ditos chistosos. Três anos depois, falecia, em plena florescência da vida, aos trinta e oito anos de idade...

Diluíram-se nas sombras do túmulo, bruscamente, aqueles esguios dedos de artista e aquela sonhadora alma de fantasista!

A mesma hora que recebia a carta amável de um arraiano solicitando um artigo de franca vizinhança para o seu jornal, entrava em minha casa um algarvio que há anos se exilou para Lisboa. Veio conhecer-me pessoalmente e pedir-me emprestado o «Agosto Azul», de Teixeira Gomes, para desse livro exótico e emotivo extrair a descrição do copejo do atum no Algarve.

Disse-lhe não ter a certeza de essa narrativa vir no citado livro, visto terem já passado anos sem tornar a ler a obra do esteta portimonense. No entanto, preveni-o de que na «Biblioteca Municipal Manuel Teixeira Gomes» devia existir essa fiel e colorida descrição que ele pretendia ler, tanto mais que o bibliotecário é um homem culto e o presidente da Câmara um esteta consumado.

Alegou, todavia, ter já recorrido à Biblioteca Municipal, onde somente encontrou cavaletes, entulho e operários a falar...

A Biblioteca mais uma vez mudou de casa, graças ao espírito desempoeirado e de vistas largas, que renovou Silves e presenteemente está renovando Portimão.

O antigo solar do visconde de Bivar sofreu uma modificação radical. Ainda bem. Ninguém seria capaz de uma obra destas com os modestos recursos do Município. Clero, nobreza e povo estão satisfeitos, como é de justiça acentuar. Estão de acordo todas as forças vivas do concelho. E pelo que ouço também ao meu barbeiro, há apenas um velho tropeço que discorda destas medidas de enorme alcance social. Não admira.

Contudo, acho conveniente não perder de vista os tropeços e os corcundas, pois foi o poeta Pope, um corcunda de má raça, que deu água pela barba a um rei de Inglaterra, segundo reza a História...

O meu amigo algarvio, na tarde do mesmo dia, veio entregar-me o «Agosto Azul», aborrecido por não ter encontrado o assunto que procurava.

Conversámos muito e demos balanço às prosperidades e iniciativas locais, não deixando passar em branco a marcha da política internacional. Unicamente nos faltou beber dois cálices de genebra à saúde dos quatro grandes amigos que se reuniram em Genebra para os povos continuarem nesta tranquila e económica paz armada...

A carta do jornalista fronteiriço, porém, é que me andava a martelar os miolos; mas o seu nome pesado como a cruz de Cristo, ainda mais escurecia a minha veledade de literato...

Que fazer entre o nosso Calvário da fantasia e verdade? Como descobrir um assunto palpitante nesta aridez que me cerca? Atirei-me ao acaso, recorrendo ao passado!...

O meu corpo, como podem calcular, está gasto pelo rolar dos anos; o espírito não. Este permanece vivo, activo, fásicante, pronto para o combate e sem medo dos rafeiros que ladram à Lua...

Pois, quando me julgava engastado com o pedido de original, abro o «Agosto Azul» a folhas XXIX, mesmo em numeração romana como lá está, e leio:

«Sevilha — Abril. Estava pouco menos de moribundo, não há muitos dias, e hoje palmilho estas tortuosas ruas de Sevilha a passo estugado e afoito, esgrimindo juvenilmente a minha bengala de oliveira — símbolo de paz — ou, melhor, de zambujeiro — paz armada!

É um parentesco feito de alívio, de rejuvenescimento, de alacridade!...

Não transcrevo mais da prosa ateniense do meu inolvidável amigo e compadre.

Preciso reduzir este artigo aos limites algebricos das nossas duas cruzes...

Sevilha é para a ardente sensibilidade deste vago artista do verso uma luz diáfana que ainda hoje se esbate nas paredes da reterntiva.

Procuo no estante o «Jardim das Tormentas», de Aquilino Ribeiro, com um belo prefácio de

Carlos Malheiro Dias, uma vítima do amor português.

Releio um capítulo em que a paixão de um bispo sevilhano apresenta o claro-escuro da sua alma atormentada por uma formosa imagem da catedral de Sevilha...

O amor em Espanha manifesta-se como os incêndios, que tudo devoraram na sua fúria avassaladora...

Miguel Cervantes, o manco de Lepanto, fervilha no «D. Quixote» com o seu gênio cavalheiresco perante a Dulcinea amada, e eu, um tanto irreverente e sensual, coloquei-o em frente da galante mulher que era Carmen de Burgos, romancista espanhola da minha simpatia pessoal, cujo retrato continuo a guardá-lo carinhosamente e a pedir a Deus a remissão das suas culpas amorosas, literárias e políticas...

De seguida, abro o livro de uma mulher alentejana, que amou e morreu de amor. O seu nome é uma divisa fatalista: Florbela Espanca. Revejo as suas mágoas, angústias e gritos desesperados, ficando indeciso em saber se ela espancava os homens ou se os homens a espancavam a ela.

Casou três vezes e o último marido, médico e sentimental, conheceu o suicídio dela e amparou-a contra o seu peito amigo.

Silêncio para esta vida trágica! «Charneca em Flor» está na minha presença, e do soneto «Blasfémia» traslado esta quadra:

Silêncio, meu Amor! não digas [nada]! Cai a noite dos longes donde vim... Toda eu sou alma e amor, sou [um jardim], Um pátio alucinante de Granada!

Eu também conheci os pálios alucinantes de Sevilha, com mulheres bonitas e cravos vermelhos nos cabelos negros!

Silêncio, sim, Florbela! Dentro de poucas horas, deve estar nos meus braços o Jorge Manuel, um bisneto que eu adoro e que nasceu no Alto Alentejo, não longe da Espanha amiga e da terra que te deu o ser e o Sol que é um brasileiro a impregnar as almas de um calor imortal!...

## MANIFESTACIONES ARTISTICO RELIGIOSAS

(Continuacion de la página 4\*)

el churrigueresco de San Diego, de magnífica talla, facilmente observable por carecer de dorado.

Pero entre todas estas joyas, destaca el artesonado mudéjar de la Iglesia de San Francisco declarado Monumento Nacional, como afortunada mezcla de elementos de arte cristiano con ornamentación árabe como es típico en las obras de los convertidos en los siglos de la Reconquista española.

Por último, Ayamonte, para llenar de sentido religioso y artístico, sus tradicionales y preciadas procesiones de Semana Santa, posee una buena colección de imágenes religiosas pertenecientes a las diferentes Cofradías locales.

Em primer lugar destaca la talla del Cristo de la Buena Muerte de Martínez Montañés, por su serenidad y pureza de líneas. Imagen esta que resume todas las características de la escuela sevillana de escultura: clasicismo en la línea y misticismo en el espíritu, unidos ambos a una belleza tradicional que es exigida por la depurada educación estética de los fieles que la contemplan. Hay también otra talla del famoso escultor granadino Alonso Cano, que representa una Crucifixión la cual es propiedad de Don Jenaro Botello.

Las imágenes de la Madre de Dios, existentes en Ayamonte, son varias de valor artístico. En primer lugar la venerada imagen de la Patrona, N. S. de las Angustias, obra del siglo XVII, recientemente restaurada por un artista portugués de las mutilaciones que sufrió a manos de los comunistas; hay otra imagen de la Virgen con el Niño en brazos de madera policromada del siglo XVII, de gran belleza. Pero entre todas estas imágenes que enriquecen el tesoro de la ciudad, merece párrafo aparte la imagen de San Diego de Alcalá, Patrón de Ayamonte, de factura del propio Martínez Montañés o de un discípulo muy allegado, pues mantiene todas las características del maestro y su belleza genuina. Se venera en la Parroquia de las Angustias.

Todas estas obras de por sí, ya eran para hablar de un acervo artístico de Ayamonte con categoría de museo. Todas ellas tienen el valor y mérito estético indudable que les proporciona su belleza intrínseca y el nombre de sus auto-

res, pero por encima de ello, tienen el mérito de conservar el lugar donde las llevó la devoción y el espíritu religioso de los ayamontinos que las encargaron. La obra que permanece en su sitio, si es una obra religiosa, completa su fin y cierra el ciclo del sentido que lleva dentro. Con ello proporciona a los cristianos un medio indirecto de llegar a la perfección divina y a la belleza de la Divinidad, que es lap lenitud estética y moral.

Congratulémonos por tanto con Ayamonte, en sus próximas fiestas patronales por la posesión de estas riquezas y que ellas sirvan para aumentar la fecunda vena artística en los ayamontinos del presente. Así de la Villa se podrá decir que es airosa en la forma y bella en el espíritu.

Enrique Suárez de Puga

### MI SALUDO A

### VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

(Continuacion de la página 1\*)

dia más íntimas y cordiales las relaciones entre estos dos pueblos, cuyas actividades son idénticas.

Deseo que estemos cada día más unidos y que nuestro común río Guadiana, más que una separación, sea la permanente unión de ambas ciudades.

También le deseo todo género de felicidades y venturas a la ciudad hermana, felicitando a sus autoridades por el engrandecimiento y las mejoras que cada día va teniendo la misma.

Dedico un especial saludo al Presidente de la Cámara Municipal de esa ciudad, mi querido amigo el doctor Alonso Vasques.

Es mi más ferviente deseo que nuestras tradicionales fiestas de Ntra Sra de las Angustias tengan el aliciente de una mayor confraternización entre portugueses y españoles y para ello estamos procurando el mayor número de festejos populares, tanto portugueses como españoles.

Termino con un ¡Viva Portugal!, reflejo de la admiración que todos sentimos hacia el hombre genial y providencial que es el Doctor Oliveira Salazar.

Narciso Martín Navarro  
Alcalde de Ayamonte



### A PONTE de Mértola

SEGUNDO nos informam, já chegaram à vila de Mértola dois camiões carregados com material destinado à construção de uma ponte provisória, para assegurar o trânsito entre as duas margens do Guadiana. Satisfaz-nos bastante esta notícia, que demonstra a boa vontade das entidades competentes em atender às necessidades das povoações interessadas, de que nos havíamos feito eco, no nosso número anterior.

Prosseguem, entretanto, os estudos para a construção de uma ponte definitiva naquele local, como se torna indispensável.

O «Noticias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

### SALUDO FRATERNAL

(Poemato bilingue dedicado à cidade de Ayamonte)

Ciudad noble y bella, vecina y hermana Da terra algarvia, que em frente se espraia, Cual perla tú eres, en el Guadiana, Activa e formosa princesa da raia.

Las palmas y pinos, al sol andaluz, Reluzem de esperança, com verde fulgor Y llevan a todos que cargan la cruz Em frente ao futuro, na Paz e no Amor

Tu viejo castillo mirando hacia el río São pedras saudosas das gestas da História Que el pueblo de España, valiente y con brío, Ao mundo legou, em jornadas de glória.

Dos patrias, dos lenguas dos pueblos afines, Mas uma só alma comum, que se entranha! Ibéria feliz, son tus tierras jardines, Que têm por flores Portugal e a Espanha!

V. Real de Sto. António, Agosto-1955 FERNANDO MORAIS